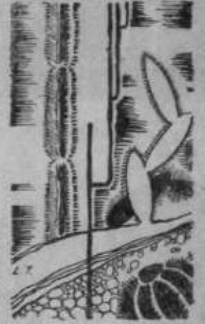




NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

A REGIÃO DO SERIDÓ

José Augusto



Paisagem da região seridoense — fotografia de J. Alves de Mello.

O Seridó é um vasto trecho do território norte-nordestino, atravessado e cortado pelo rio do mesmo nome e seus afluentes e caracterizado economicamente por uma determinada natureza de produção: o algodão mocó, de fibra longa, sedosa e resistente, o melhor do Brasil, um dos melhores do mundo, rivalizando em qualidade com o famoso algodão egípcio.

Na vida social, política e econômica do Estado do Rio Grande do Norte, a região seridoense tem ocupado sempre papel de relevo e saliente, fornecendo por vezes alguns filhos ilustres para a sua direção e contribuindo continuamente para a sua produção para o fortalecimento da riqueza coletiva.

EXTENSÃO TERRITORIAL

Tem uma extensão territorial de 9.332 quilômetros quadrados, assim distribuídos pelos seus oito municípios:

ACARI	1.203	km ²
CAICO	1.203	"
CURRAIS OVOS	1.367	"
FLORANIA	732	"
JARDIM DO SERIDÓ	966	"
JUCURUTÓ	969	"
PARÉLIAS	830	"
SERRA NEGRA	1.008	"

O povoamento da região começou no fim do século XVII, quando da guerra dos bárbaros, lutando que durou muitos anos e durante a qual, após sucessivas incursões, o homem civilizado exterminou os selvagens que habitavam as margens do Rio Assú e seus afluentes, um dos quais, como se sabe, é o rio Seridó.

Um dos encontros sangrentos e cruéis ocorreu no lugar Acauan, localizado no atual município de Acari.

Exterminados os índios, chegaram ao Seridó os seus primeiros desbravadores civilizados, vindos de Pernambuco, (Goiana e Iguarassú) e da Paraíba.

As primeiras datas de terra concedidas na região e registradas nos livros da Capitania do Rio Grande do Norte são de 1676 e referem-se, respectivamente a Acauan, sendo seus beneficiários Teodoro Leite de Oliveira, Teodósia dos Prazeres e Manuel Gonçalves Diniz, e de 1679, ainda relativas a Acauan e Serra do Trapuá, deferidas a Luiz de Sousa Fuma, Antônio de Albuquerque da Câmara, Lopo de Albuquerque da Câmara e Pedro de Albuquerque da Câmara.

Um dos comandantes de tropa contra os índios fora justamente Antônio de Albuquerque da Câmara.

A emancipação administrativa do Seridó foi dada em 21 de julho de 1788, por alvará que criou

o município com a denominação de Vila Nova do Príncipe, o mesmo documento legal que fez surgir também os municípios de Vila Nova da Princesa (Assú) e Vila Nova da Rainha (Campina Grande).

Era concebida nestes termos a carta do governador de Pernambuco autorizando o Ouvidor Geral a criar a vila do Seridó, conjuntamente com as duas outras referidas:

"Vi a representação que vossa mercê me dirigiu em 28 de Março do próximo pretérito a respeito do quanto seria útil ao bem e socorro do público e ao real serviço que se erigissem em Vila e povoações dos Cariris, Seridó e Assú; as justicias não podem coibir por não lhes chegar a noticia a tempo tal que as averiguações são infrutíferas, quando pelo contrário as criações das ditas vilas se obrigariam a recolher a elas os vadios para trabalharem, se promoveria o castigo dos delinquentes, adiantar-se-ia a agricultura e se aumentaria o comércio; nesta certeza e pela faculdade que S. M. me permite na real ordem de 2 de julho de 1766 de que remeto a cópia, concedo a vossa mercê a faculdade para erigir em vilas as povoações dos Cariris que se denominará Vila Nova da Rainha, a povoação do Seridó Vila Nova do Príncipe, e a povoação do Assú, Vila Nova da Princesa. Das cópias incluídas constará a vossa mercê os termos a que se procedeu na que por cada uma das povoações acima indicadas mando vossa mercê praticar o mesmo conforme. Concluídas as ditas criações me remeterá os autos que, para vir no conhecimento dos termos e distritos que a cada delas pertencer, Recife, 25 de abril de 1788. Dom Thomaz José de Mello, Senhor Doutor Desembargador Antônio Felipe Soares de Andrade Brederode, Ouvidor Geral da Comarca da Paraíba."

Com o desenvolvimento crescente do Seridó, do ponto de vista demográfico, político, social, econômico, surgidos vários núcleos de população mais ou menos densa, outros municípios foram se destacando, e desmembrando, a princípio o Acauan, depois o Seridó e Serra Negra, no período Monárquico, Currais Novos, Flores, hoje

Florânia, Parélias, Jucurutú, após a proclamação da República em um total de oito.

POPULAÇÃO

Os seridoenses são muito profleros. O comum é o casal de 10 a 12 filhos, e não são raros os que atingem a 15, 20 e até mais. A população do Seridó por isso aumenta, senão vertiginosa, pelo menos aplevavelmente de decênio a decênio.

Certo é que alguns fatores influem para que não seja ainda maior a cifra do crescimento, entre eles a mortalidade infantil, que é grande, e as secas que diminuem vidas e produzem o êxodo de consideráveis massas de gente válida. Mas, ainda assim, é considerável a percentagem, atestada pelos recenseamentos verificados nos anos de 1782, 1824, 1855, 1872, 1890, 1900, 1920 e 1940.

São os dados de que temos noticia acusando as seguintes cifras:

1782	3.630
1824	6.276
1855	15.921
1872	31.281
1890	40.514
1900	41.800
1920	127.027

Claro está que essas recenseamentos e cálculos ressentem-se de falhas e lacunas, mas oferecem indicações aproximadas e evidenciam, em 1940, isto é, no espaço decorrido de 158 anos, uma população 35 vezes maior que a de 1782, a indicar de um lado a habitabilidade da região, e de outro o vigor da raça que a ocupa.

Os dados relativos ao ano de 1782 constam do livro de Irineu Pinto, "Dados e Notas para a História da Paraíba", vol. I, pág. 170, e os referentes a 1824 foram organizados pelo então vigário da freguesia da Vila Nova do Príncipe (Caiçó), padre Francisco de Brito Guerra, depois Senador do Império, e foram publicados pelo "A República" de Natal, Rio Grande do Norte, em 29 de abril de 1926.

A CRIAÇÃO DE GADO: FATOR DO POVOAMENTO DO SERIDÓ

A função sociogeográfica do gado tem sido estudada larga e desenvolvidamente em vários países e por sociólogos e historiadores de renome.

Capistrano de Abreu, mestre da história, pátria, consagrou ao assunto algumas páginas de verdade irrecusável, e Roberto Simonsen, "História Econômica do Brasil de 1500 a 1820", atesta, em dois documentos e excelentes capítulos a pecuária como um dos fatores econômicos essenciais na ocupação e destravamento dos sertões brasileiros.

Alberto Zum Felde, no "Processo Histórico do Uruguai", esquema de uma sociologia de sua Pátria, demonstra amplamente que toda colonização reclama para seu desenvolvimento uma fonte de riqueza natural, que não somente assegure as condições de vida do povo, como também ofereça possibilidade de exploração comercial. A multiplicação do gado foi essa fonte no Uruguai:

"Las dos manadas de yeguas y vacas tíbida por hermandades son, diz Zum Felde, el principio de nuestro proceso histórico. Es de observar que la ganadería, em las condiciones em que se presenta en el Rio de la Plata, es un fenómeno único em todo el mundo. Ha habido y hay pueblos pastores y comarcas con rebaños de vacas, ovejas y cabras; pero en ningún país, manadas innumerables de vacas, toros, yeguas, patos, se extienden y se multiplican libremente en los vastos pastizales desiertos, cuchillas del Uruguay, pampas de la Argentina, tornando-se climáticas. Este es el fenómeno característico del Plata y el que ha de determinar y caracterizar su vida y su historia."

E mais adiante: "El ganado le da (ao homem) el cuero con que puede fabricar rústicamente sus botas, pero, su lana, su carne, y casi todo cuanto necesita en una existencia campesina."

Este trecho faz lembrar aquele outro de Capistrano de Abreu, descrevendo o que ele chamou a época do couro:

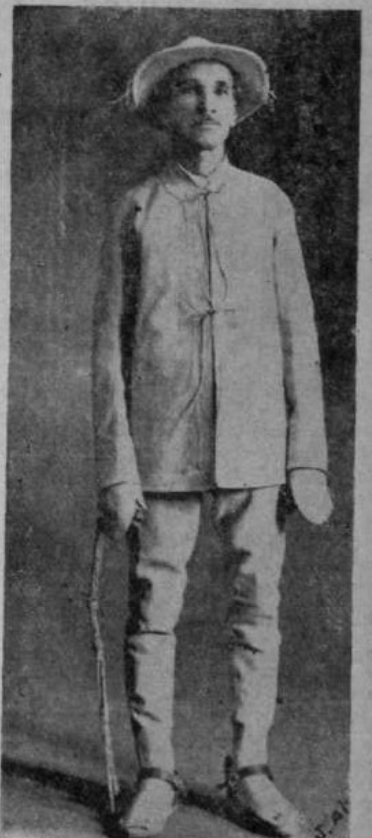
"De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os parvos; de couro todas as cordas, a borra para carregar a água e mocó ou alforje para levar comida, a maça para guardar a roupa, a mochila para miltar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bahinhas de faca, as brocas e surrões a roupa de entrar no mato, os banguês para costume ou para apurar sal; para os açudes o material de pedra era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o mariz."

A vida pastoril cria tipos de hábitos viris, rudes e bravos:

"La ganadería hace al habitante del campo, nativo o colono, fuerte, osado, ágil y púbil". E' que "hay que domar caballos cerriles, hay que perseguir y volgar a las reses o a lazo, hay que adiestrarse en el manejo del cuchillo, hay que aguzar los sentidos y acerse vaqueano".

No Rio Grande do Norte a criação do gado teve, por largo espaço de tempo, quando do Brasil colônia, importância essencial para toda a economia nordestina.

(Continua na página 14)



Vaqueiro do Seridó — fotografia de J. Alves de Mello

TÓPICOS

ADOLESCÊNCIA LITERÁRIA



A revista "Nordeste", que no seu terceiro ano de existência, não se preocupou, até agora, em dividir ou situar gerações, sente-se à vontade para comentar a orientação que "Região" e "Presença" estão imprimindo aos seus editoriais. Não que queiramos divergir ou entrar em polémica com essas vozes vivas e inquietas do atual momento literário pernambuco, mas somente para evitar que a atual arraiçada contra alguns escritores brasileiros não se transforme em uma verdadeira autofagia, como aconteceu a muitos dos que arrancaram em 1922...

É bem verdade que não podemos colocar no mesmo plano os editoriais de "Região" e os de "Presença". Enquanto, nessa primeira revista, há uma atitude mais literária, no bom sentido, quando revidam os ataques de José Lins do Régio e Rubem Braga à chamada geração dos neo-sonetistas, "Presença" desceu ao palavreado violento quando procura, numa nota muito pessoal, arrazar o romancista do "Ciclo da Cana de Açúcar", acontecendo quase o mesmo, mas não o mesmo, com uma outra nota de "Região" em cima do poeta pernambucano Odorico Tavares...

— Como explicar, pois, essa onda destruidora dos editorialistas de "Presença" e "Região" em cima de algumas expressões de valor real das letras brasileiras?

A humana vontade de fazer barulho, de aparecer, de brilhar ou simplesmente, como na gíria, fazer movimento, poderia ser uma explicação que não nos satisfaz porque injusta e superficial. A origem dessa atitude autofágica encontra-se dentro da psicologia da adolescência literária que estão vivendo alguns dos editorialistas citados. Se da fase fisiológica da adolescência todos nós conhecemos as crises por que passam os jovens em geral, desde a do ensimesmamento até aquela em que se tornam agressivos e convencidos sinceramente de que são o centro do mundo, na literatura a coisa se repete com ligeiras atenuantes, criando também essas atitudes de parásmo intelectual. Daí, a princípio, começarem timidamente a publicar as suas primeiras produções, para, logo depois, se julgarem como se fossem os criadores da literatura, descobridores de mundos nunca dantes suspeitados e, por isso mesmo, convencidos de que antes deles surgirem nada mais presta, tudo é "fogo morto". É a adolescência literária desabrochando com a força e o perfume da adolescência tropical... E qualquer um que deles discordar será logo considerado um sujeito fracassado, no outono das musas ou traidor da massa. Eles é que são os tais, os novos, os novíssimos iluminados que irão construir o nosso futuro literário.

Em parte têm razão esses rapazes, porque a maturidade intelectual traz, de parceria com a maturidade física, uma espécie de desencanto, de acomodação e tolerância até mesmo para com as coisas de mau gosto que nos cercam. É preciso, é útil e salutar que eles surjam com esse ímpeto de selvagens das letras dispostos até mesmo a cometer "uma barbaridade", como tão bem sentiram os rapazes de "Quixote".

Que saibam, porém, agir menos individualmente e mais coletivamente, não transformando essa adolescência literária numa espécie de autofagia suicida. Que eles engulam os José Lins do Régio, os Rubem Braga, os Valdemar Cavalcanti, os Odorico Tavares, mas que saibam digerir-los para que, amanhã, não caiam inertes, nas margens dos caminhos, como a gibóia que tentou engulir o boi, esquecida de que esse animalzinho não era só de carne. Querem convencer o povo de que José Lins do Régio, Rubem Braga e Odorico Tavares são romancistas, cronistas e poeta decadentes é um osso duro de roer...

P. S. A posição de "Nordeste" não é de defesa da velha ou da nova geração, porque não consideramos esta bobagem um problema literário quanto mais uma posição... e a prova está nos seus quinze números que publicaram colaboração de escritores e poetas das mais desencontradas tendências, sem lhes exigir certidão de idade.

I Salão de Poesia

O Recife está assistindo a um certame inédito no âmbito da literatura universal e que vem encontrando uma repercussão notável nos principais centros literários do país. Queremos nos referir ao I Salão de Poesia, anunciado em nosso número anterior, que esta revista se propôs realizar com o apoio da Diretoria de Documentação e Cultura e das revistas "Região" e "Presença de Natal".

Escolhemos o mês de setembro porque com ele nasce o sol mais belo do Recife inundando as praças que, para nós, são as mais belas do mundo... e a exposição de poemas marcará uma nova fase do poesia pernambucana que, sem temor nem recalcos, até aos olhos do público, Poetas de todas as escolas e de todas as idades estarão sobre a sombra no "standar" poético da rua do Imperador desafiando e incensibilizando de nós vegetativos de todas as épocas.

Durante o tempo que durar o Salão de Poesia faremos realizar, no salão de conferências do Gabinete Português de Leitura, palestras sobre poesia e que falemos de poesia, antiga e moderna, além dos poetas que estarão presentes a fim de declamar os seus poemas para o povo com a linguagem quente e criadora dos iluminados.

Aguardemos, pois, a repercussão que a primeira exposição de poemas manuscritos terá no movimento literário nacional e principalmente, na sensibilidade poética do nosso povo.

Nem tudo que luz é ouro.

Causas péssimas repercussão o julgamento da Academia Pernambucana de Letras concedendo menção honrosa ao livro "Tempo dos Flamengos", do historiador José Antônio Gonçalves de Melo Neto, e colocando em primeiro lugar um livro de versos medíocre. Da Academia, de um grupo de intelectuais de onde deveria vir forte a luz da sabedoria e da justiça, esse julgamento foi assunto de reprovação geral por parte da imprensa recifeense. Infelizmente mais uma vez triunfa o verso popular: nem tudo que luz é ouro...

A exposição de

Cicero Dias

Discutido, atacado, compreendido, incompreendido, Cicero Dias realizou uma grande exposição de quadros no Recife, patrocinada pelo Diretório Acadêmico de Direito e pela Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife, na biblioteca daquela tradicional Faculdade.

Durante a quinzena de Cicero Dias no Recife vieram vários intelectuais do Rio a convite do Diretório Acadêmico de Direito e aqui tomaram parte numa mesa redonda sobre pintura moderada. Aníbal Machado, Mário Pedrosa, Grigoris Lessa e Rubem Braga estiveram no batéyapo - com a sua inteligência dando um relevo ímpar à mostra de arte do pintor de Escada.

Neste número, "Nordeste" publica uma porção de reproduções de quadros de Cicero, na maioria da sua última fase, encimadas por letras do próprio punho do Cicero escritas especialmente para esta revista. Agradecemos ao Sr. José Bezerra Gomes sobre o livro "Geografia da Fome", do professor Josué.



cialmente para esta revista. Agradecemos ao Sr. José Bezerra Gomes sobre o livro "Geografia da Fome", do professor Josué.

A partir deste número, Cicero Dias será o representante de "Nordeste" na cidade de Paris, o que é mesmo que dizer na Europa toda.

"NORDESTE"

e José de Castro

Quando o redator-chefe de "Nordeste" publicou uma reportagem sobre as pesquisas dos alimentos chamados bárbaros desta região, que estavam sendo levadas a efeito pelos professores Nelson Chaves e O. Gonçalves Lima, reportagem que concluiu por colocar em discussão as conclusões obtidas pelo professor Josué de Castro, no Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, esse célebre professor publicou uma resposta desabrida no "Diário de Pernambuco", dizendo, entre outras defasoras, que o nosso redator-chefe era um ressentido e estava propositalmente torcendo as conclusões da reportagem. Pelo mesmo jornal, o repórter atacado injustamente deu a merecida resposta ao professor Josué que fugiu da discussão, silenciando... Esse pequeno histórico é para salientar a linha de "Nordeste" ao publicar, neste número, um artigo do romancista José Bezerra Gomes sobre o livro "Geografia da Fome", do professor Josué.

Embora ele nos considere preconcebidos e ressentidos, isso não nos impede de abrir as nossas colunas para que o nosso novo colaborador, sr. José Bezerra Gomes, do Rio Grande do Norte, escreva um bom artigo elogioso ao seu livro.

Quanto ao resto, vamos esperar, dentro de breves dias, a fabulosa documentação que os professores Nelson Chaves e O. Gonçalves de Lima vão publicar em revistas especializadas sobre os efeitos tóxicos da muená...

Manuel Bandeira no Salão de Poesia

Manuel Bandeira está no I Salão de Poesia do Recife. É uma notícia que irá dar maior projeção a essa realização de "Nordeste", "Região", "Presença de Natal" e "Diretoria de Documentação e Cultura". Segundo carta enviada à "Nocturno" o poeta anuncia que a sua contribuição já foi remetida pelo correio marítimo. E, no bojo de velha costura, vem aí ainda quente e bulindo a mussi maior da poesia brasileira. A sua adesão puzou outros, pois o grande poeta pernambucano está entusiasmado com o Salão de Poesia. E lá vem Joaquim Cardoso, lá vem Carlos Drummond de Andrade, lá vem Augusto Frederico Schmidt, todos eles subindo para o Recife nas águas verdes do mar que irão beijar os ajus dos deuses provincianos, porém, belo, Capibaribe, Venham! Que venham! No mês de setembro a poesia desfraldará a sua bandeira que não é de guerra, antes uma espécie de túnica incógnita que espalhará a paz por toda a parte, dando sombra boa e antiga como se fosse uma velha mangueira pernambucana.

E Manuel Bandeira, o eterno

garoto da rua da União, malgrado os jurdicos acadêmicos e a catedra, estará comecando misturado com todos os poetas do salão, desde o sargento da base até o guarda sanitário de Verentes que enviou sua adesão pelo telegrafo.

FATOS DIVERSOS



Hermilo Borba Filho, alcançou o primeiro lugar em uma competição de poesia realizada no Recife, patrocinada pelo diretor do curso de Direito e pela Diretoria de Documentação e Cultura.

Nesta mesa redonda, que se realizou no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife, tomaram parte, além dos escritores acima mencionados, os profs. Antônio Austregalejo e Neves Mantas, professores e intelectuais pernambucanos e público em geral. Dirigiu os trabalhos da mesa redonda o nosso companheiro Aderbal Jurema.

Já ainda em setembro esteve ligeiramente no Recife, o romancista Cláudio dos Anjos que foi entrevistado ao microfone do Rádio Jornal do Comércio, na noite de 13 de setembro.



Disse o autor do "Amanhecer Belmírio" e "Abdias" que estava trabalhando ativamente em um novo romance que tem por cenário a província imaginada por Teixeira de Freitas: a Montanha.

O jornalista Valdeonir Lopes, nosso colaborador esteve alguns dias entre nós, mantendo saudades de seu Pernambuco. Os amigos e colegas de Valdeonir Lopes ofereceram-lhe um almoço regional no Restaurante Maxine, no Pina, também no dia 13 do corrente.

O Teatro Universitário levou a cena várias vezes, no Teatro Santa Isabel, a peça de Caçona: "É proibido suicidar-se na primavera".

Anúncia-se para breve, sob o patrocínio da nossa colega "Região", uma exposição de quadros da jovem pintora pernambucana Ladjane. Também dessa revista estão programadas várias edições de livros, sendo o primeiro um de poemas de Guerra de Holanda: "O Rosto".

O PRESIDENTE DA CÂMARA E A LITERATURA



Em nosso país onde a proficiência literária ainda não conseguiu, infelizmente, plena autonomia, as vocações literárias perdem, dispendendo-se no melancólico e ganham em segurança a vida dos mais diversos. Mas se a nossa literatura sofre com essas evasões, lá está o serviço público a lucrar, absorvendo talentos quando não os estímulos. Os exemplos são frequentes e muito já se escreveu sobre as letras e a burocracia.

Samuel Duarte é um desses exemplos. Com boa base humanística incluída num seminário e fortificada no magistério, cedo surgiu na imprensa de seu Estado — a Parahyba. Equilibrava-se como redator de jornal e modestíssimo diarista dos Correios. Datam dessa fase os seus ensaios, os seus estudos, na sua crônica. Era um eciano por formação, pela sensibilidade e pelo espírito.

A revolução de 30 lançou Samuel Duarte no palco político de onde nunca mais conseguiu se libertar por força de compromissos que o levaram para a direção da "A União", órgão oficial do Estado da Parahyba, para a Câmara Federal em 1934, para a Secretaria do Interior da administração de seu Estado em 1941, para a Interventoria Federal de sua terra em 1945 e, por último, para a Presidência da Câmara de Deputados da República em 1947 onde se mantém pela força de sua inteligência e de sua cultura.

Ganhou a Nação, no seu alto plano político e administrativo, e perderam as letras nacionais um nome que não ficaria esquecido entre os limites estreitos de uma província do Nordeste. Mas ainda se pode esperar a volta de Samuel Duarte à literatura. Passarão os partidos, passará a política e a vocação para as letras volverá com força e experiência para desenvolver-se. Então, a literatura reconquistará um escritor de verdade em Samuel Duarte que, hoje, se encontra em viliatúria pelas posições políticas que a democracia brasileira ainda conseguiu reservar para os que realmente têm talento e desejo de servir.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE POESIA NO RECIFE

Vai de vento em pópa a idéia da Primeira Exposição de Poesia no Recife, primeira no Recife, no Brasil e no Mundo. Colocada inicialmente sob o patrocínio da revista "Nordeste" e os estímulos do redator-chefe, escritor Aderbal Jurema, este logo entrou em combinação com a Diretoria de Documentação e Cultura, mantendo qualquer ameaça de insubmissão. Cresce de maneira assombrosa o número de adesões à iniciativa. Poetas federais, estaduais e municipais serão vistos nas paredes do Salão, através dos seus quadros, isto é, dos seus poemas enquadrados. A comissão diretora da Exposição é composta de Aderbal Jurema, Carlos Moreira, Cesário Regis, Esmaragdino Marroquim, Mauro Mota e Nilo Pereira. Depois de amanhã, terça-feira, às 17 horas, essa comissão se reunirá na redação de "Nordeste", à rua do Imperador, 468 - 1°.

(Do Diário de Pernambuco - 15-7-48).

NORDESTE

MENSÁRIO DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERÇO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:
Estados Unidos (New York): Artur Coelho
Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
São Paulo: Enio Silveira
Alagoas: Igor Tenório
Bahia (Salvador): Jota Soares
Parahyba (João Pessoa): Gambarrá Filho
Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Silvio Duca
Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
Mina Gerais: Lara Bezende (Belo Horizonte)
Ceará (Fortaleza): José Edésio Albuquerque
Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan
Paris (França): Cicero Dias.

Diretor: Esmaragdino Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

Número avulso Cr\$ 3,00
Número atrasado Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.

Sonetos de Mariano Lemos

FÔLHA CAIDA

Fôlha caída, fôlha abandonada,
Fôlha que o vento leva e vai ao vento,
Aeude irás tú pairar na rude estrada
De teu destino, nesse teu tormento?

Vives de sofrimento em sofrimento,
Com uma alma, de crenças, apagada,
Sem a máguia sombria de um lamento
— Sob a angústia da dor martirizada!...

E vão as horas e se vão os dias
E tú dentro de tuas agonias
Por entre a poeira densa do caminho...

Vai! — E' mister cumprir teu fado obscuro!
Porque sendo amanhã lodo ou monturo
Talvez renasças numa flôr de linho!

*

DEZ ANOS DEPOIS

Já passámos aqui. Eis os caminhos:
São os mesmos de dez anos passados.
Eis os serros azuis, os mesmos prados
E, nos ramos, talvez, os mesmos ninhos!

Por ali, vês, andámos nós, sozinhos,
Por ilusões e sonhos embalados...
Ah! tempos bons de múltiplos pecados,
De indomáveis desejos e carinhos!

Em tudo! exulta, ainda, a mesma gala!
Ah! falam êsses troncos, tudo fala
De meus beijos de fogo... e tuas juras...

— Que bom seria, ó minha excoisa amiga,
Tal qual volvemos a esta plaga antiga,
Voltar àquêles dias de loucura!...

*

VIA - CRUCIS

Alma suprema, espírito supremo
De Perfeição, de Encanto, de Grandeza,
Vamos, de pego em pego, extremo a extremo,
Os mistérios sondar da Natureza!

Sê, nesse tormentoso mar, meu ramo,
Para os triunfos da Formá, da Beleza!
Geme comigo, a mesma dor que gemo;
Comigo anda entre angústias e tristeza...

Percórramos os ciclos dos destinos,
Dos enganos, dos sonhos peregrinos,
Das lágrimas, dos gozos soberanos!

Percórramos escombros sobre escombros,
Impávidos, levando em nossos ombros
O madeiro augural dos desenganos!

QLHANDO DO ALTO

Ao dr. Odilon Nestor

Daqui, dêste planalto, o meu olhar distendo
Por essa redondeza e por essa planura;
Pelas ondas do mar, pelas nuvens da altura,
— Sonâmbulas e em bando — o infinito correndo...

Tudo é gala e seduz... Tudo é festa e fartura!
Por campos e vergéis, só o Belo desvendo
Em fascínio, e cantando e sorrindo, e esplendendo
À luz flava do sol, que alumia a espessura!

Tudo invoca uma lenda, uma luta, uma glória...
Umás ruínas de templo, um pedaço de história...
Uma canção dolente... uma jangada ao mar!...

Tudo invoca um segredo, uma jura, uma prece
Que a gente — inda querendo esquecer — não esquece,
Que a gente — sem querer — vive sempre a lembrar...

*

POETA

Levanta, silencioso, o teu olhar de artista
Para a torre triunfal da Perfeição humana.
Abre as portas da Luz, do Belo o ideal conquista
E crê na alma do Bom, de onde a razão dimana.

Levanta-o aos astros. Busca a cidade imprevista
Da Beleza imortal, da Glória soberana...
E das alturas volve, embevecido, a vista
E a terra sonda, o pranto apaga e o vício sana!

Ergue-o... e serás, assim, um apóstolo novo
— A excoisa religião proclamando a seu povo —
Do Direito e do Bem, do Amor e da Bondade.

E o exemplo de teu gesto, amplo, vasto e supremo,
No mundo ficará de um extremo a outro extremo,
Na simbolização sublime da Verdade!

*

VELHINHO

Quero viver, quero ficar velhinho,
Neste, em que vou, apostolado são,
Tendo você comigo, em meu caminho,
— Ambos nos fios de ouro da ilusão.

De você — mais ninguém — é êsse ninho,
Feito com zelo pela minha mão,
Dou-lh'o de recompensa ao seu carinho,
Que, por mim, sobe já à devoção.

Comigo mesmo, tomo encargo e empenho
De ser-lhe dedicado e bom, e tenho
Isto, de certo, por dever na vida.

Porque você é tudo o que eu almejo,
Sendo a leve visão de meu desejo,
Nas dobras de meus sonhos refletida...

Livros Nacionais e Estrangeiros
LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

LIVRARIA DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBÔLSO

Recife

Pernambuco

AQUI ESTÁ ○

AUSTIN 'A40'

Carvalho & Cia.

Avenida Guararapes, 154 —

Edifício Almare

Tels. 6130, 7328, 7330

RECIFE

PERNAMBUCO



REMESSAS DE AUSTIN A-40 FRAZER-MANHATTAN!

Temos prazer em anunciar à nossa distinta clientela que chegou ao Recife a primeira remessa dos afamados automóveis ingleses AUSTIN A-40, pelo navio "Petrus". Pelo navio "Hembury", deverá chegar a segunda remessa. Os preços para os carros AUSTIN A-40 são os seguintes:

Duas portas --- Cr\$ 48.600,00

Quatro portas --- Cr\$ 49.100,00

Aproveitamos o ensejo para informar que acabamos, também, de receber mais uma remessa dos carros FRAZER-MANHATTAN, cujos preços são os seguintes:

Tabelamento oficial: Cr\$ 90.000,00

VENDEMOS POR: Cr\$ 88.000,00

Vendas a vista e a prazo

SOCIEDADE DE EXPANSÃO COMERCIAL DE PERNAMBUCO LTDA.

CONTA PRÓPRIA — REP. — IMP. E EXPORTAÇÃO

Telegrama: SEPA — Caixa Postal, 23 — Telefone: 9374-9554

Distribuidores exclusivos dos produtos da
CIA. SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA

Cataventos Wincharges, Material Elétrico, Motores ARMSTRONG
e STUART a óleo e gasolina, Geradores

Cerâmica São Caetano, Tintas e Vernizes GIL, Chapas e
Telas perfuradas, Cimento Poty, Produtos Norge, Laboratórios
SHARP DOHME e HECLAN

Avenida Marquês de Olinda, 214

RECIFE

PERNAMBUCO

POESIA VIVA

O 1.º Salão de Poesia do Recife será um acontecimento de larga repercussão literária, na vida da província. Os poetas pernambucanos estão dando à sua adesão ao certame de "Nordeste" com um entusiasmo tão vigoroso que bem justifica o nosso otimismo em relação ao seu êxito.

Mal sabia o nosso Carlos Moreira que a sua idéia, sugerida de passagem ao redator daquela revista de cultura, fosse tão retributivamente aceita e se tornasse uma realidade em poucos instantes.

Realidade que nós iremos assistir no mês de setembro com a exposição dos poemas manuscritos e ilustrados, além de uma série de palestras sobre Poesia.

Está o poeta do mar e das estrélas marinhas com a sua idéia patrocinada pelas revistas "Nordeste" e "Região" e com o apólo da Diretoria de Documentação e Cultura, além das adesões valiosas como a de Mauro Mota, Laurêncio Lima, Edson Nery da Fonseca, Carneiro Leite, Tomás Selvas, Guerra de Holanda e... outros mais que noticiaremos no próximo suplemento.

(Do JORNAL DO COMMER-
CIO — 11-7-48).

Tendo à frente o escritor Aderbal Jurema, processa-se um movimento nesta cidade no sentido de ser realizada uma exposição de Poesia, isto é, os originais deverão ser expostos à curiosidade pública, enquadrados, como se telas fossem. Cremos que é a primeira vez que se realiza uma exposição desse gênero no país. A maioria dos poetas pernambucanos já aderiram ao movimento, principalmente os iniciais. A realização terá, também, o patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura.

(Da Folha da Manhã — 25-7-48).



CONTRASTE

— Quando, por exemplo, o amigo precisa de gasolina para seu carro vai à bomba e enche o tanque. Mas, ninguém poderá levar uma casa à usina, para buscar eletricidade. É por isto que eu a levo às residências ou estabelecimentos comerciais e industriais.

Meu trabalho, pelo que produz, é barato, não há como negar — Diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS
Fone 2141 -- Recife

SAIRA de Missão Velha com o sentido num lugar grande, pensando em Manaus, Belém do Pará ou mesmo São Luiz do Maranhão. Mas o dinheiro escasso foi embora logo, acabou-se uma noite em Tauá. Passou então pela vergonha de tirar a maleta do hotelzinho sob a voz alta, irritante, de uma sarará já velha.

Depois de vagabundar pelas ruas da pequena cidade, de rolar noites inteiras sob árvores, Miguel decidiu procurar as autoridades e foi se valer do promotor. Não o encontrou em casa, tinha saído para um auditório. A porta enquanto o esperava, viu um garoto abrir a sala e martelar ao piano uma aula elementar.

Deixa eu entrar pra lhe ensinar uma coisinha? — perguntou abrindo a porta, os olhos no pedaço de pão e nas frutas da mesa. O menino não se mexeu, assustado com a presença do homem magro e alto, de roupa suja e barba enorme. Na sala de jantar deserta, Miguel não se arreceou de encher os bolsos. E no banquinho giratório começou a dedilhar notas soltas batidas com violência. Retirou do bolso o pedaço de pão, comeu bananas, quase se engasgando. Seus olhos ganharam novo brilho, sorriu para o garoto.

Então vindos os tempos de uma aula aprendida com o pai em Missão Velha encheram a sala e se derramaram pela rua. O promotor que vinha subindo a calçada, entrou ligeiro em casa e quase não acreditou que aquela música que lhe falava dos dias de estudante em Fortaleza pudesse ser extraída pelos dedos sujos de um maltrapilho que encontrara sentado junto do piano perguntando se Miguel queria dar umas aulas. Luciano, o menino, estudara uma tempos com a mulher do juiz, porém ela se fôra e desde esse dia não tomara mais uma lição: atrasara-se de fazer pena. Recebi esse piano — dizia o doutor — em pagamento de uma questão. Meu gosto era que a mulher aprendesse. Já que ela não quer, pelo menos Luciano. Você passa uns dias ensinando a ele que eu lhe dou um agradecimento.

Miguel entrou no quarto, a empregada enfiou pela porta meio aberta uma roupa branca, uma camisa, botinas amarelas bem gastas. Aboletou-se dois meses e ao se despedir o promotor deu-lhe uma cédula. "Você devia era ficar mais uns dias", Miguel discordou: "Tenho de descobrir um lugar de futuro".

Uma semana mais tarde atravessava a fronteira, entrou no Piauí quase sem dinheiro. Só pôde alcançar Valença. Isto foi há cinco anos, no entanto Mi-

Miguel

Perminio Asfóra

guel tem presente na memória os menores detalhes. A primeira pessoa a quem pediu trabalho foi Pedro. E Pedro garantiu-lhe a pensão e ainda lhe cedeu uma roupa inteira. "Só não lhe emprego — disse ele — porque não preciso de coxeiro. Mas comida não falta. Hora de boia, a pensão tá despachando."

A tarde Miguel veio trabalhar, prestar pequenos serviços a Pedro e duas semanas depois ganhara um quarto no fundo da loja. Tornou-se amigo do patrão e da noiva. Quando Pedro se casou Miguel foi o padrinho e daí em diante passou a fazer refeições na casa deles com intimidade de irmão. Logo que chegou à Valença, imaginou que devia demorar pouco, ir adiante, a uma capital, nem que fosse Teresina. Foi ficando sem se sentir e agora só lembrava Missão Velha quando falavam. Da família, restava o irmão, funcionário da Rede Vição Cearense. "Numa coisa somos parecidos: não temos pai nem mãe e chegamos aqui arrastados" — disse-lhe Pedro uma tarde.

Miguel ouvia sempre dizer que Pedro ficara seu amigo para aliviar a consciência: "Pedro foi muito ingrato com os amigos que vieram com ele de Sobral. Deixou morrerem de fome. Tá protegendo você pra pagar os pecados".

Não gostava de se mencionasse isto. Outra pessoa talvez até se utilizasse desse sentimentalismo. Pedro costumava demorar meses em Fortaleza. Se fosse outro nada mais fácil do que desviar mercadorias dali do quarto. Ninguém daria fé.

Sua vida fora um deserto, enfeitado por simples namoricos, mulheres de pensão cobrando o pagamento mal acabava de se levantar.

Conheceu Marta na loja, nos tempos de Pedro solteiro. Mas conhecimento de verdade foi na noite do casamento. Gostou da alegria dela. Jamais vira uma pessoa com tanta felicidade nos olhos. Loura, alta, os olhos claros e grandes, uma caixa de alegria. Marta era o mundo. Um casamento com ela não poderia dar certo. Não era uma criatura para tomar conta de família. Além disso o pai dela tinha uma fazenda, iriam dizer que enche-

ra a vista com a riqueza do velho Romão. Amaria Marta? Pedro uma vez lhe fez essa pergunta, Miguel respondeu: "Só sei que fico alegre quando ela aparece".

Conversou com Marta na noite do casamento de Pedro, no corredor escuro, pisando folha de canela. Vestia organdi branco, na cintura uma faixa de fita da mesma cor bordada de flores azuis. Era uma fita chamante fazendo ondas na penumbra. Nos cabelos Marta botara uma pequena rosa vermelha, no mindinho brilhavam pedras miúdas encarnadas e verdes — presente de aniversário de Marta. A conversa de Marta nada significava: falava errado e com afetação. O primeiro bilhete tinha tanta palavrão difícil que Miguel só entendeu o "amplo". Tentara mas não compreender umas lições de música; esforço inútil. Beijou-a raras vezes. A amizade não ia além de conversas, inocentes palestras na casa de Marta, hora do almoço. Nos primeiros dias Maria era de opinião que deviam escolher outro lugar para conversar, temia encrenca com o coronel. Por causa de Pedro mudou de opinião e chegou até a levar bilhetes, nos dias em que não se podiam encontrar. Miguel viu logo que só se casaria com Marta se fosse raptando-a. Isto seria difícil, provocaria uma grande discórdia entre Pedro e Luiz Romão. Conhecia o gênio do coronel. Pedro lhe falou na possibilidade do velho concordar. Miguel respondeu triste: "Não tenho cavanha e daquela família só se entra com muito cabelo".

Trabalhava na loja e ainda lhe sobrava tempo para dar lições de música. Antigamente desperdiçava todo o tempo, não estudou coisa alguma. Saiu de Missão Velha homem feito e seu passado constituía-se de vagabundagem. O pai que a vida inteira foi mestre de música, gostava de aconselhar: "Quem quer viver e sustentar família, não se fie em arte. É um feitiço que só bota a gente pra trás."

Miguel parece estar vendo o velho Anísio, sua coreuanda, a altura elevada. O nariz comprido e preto de tomador de rapé.

Uma noite (naquele tempo andava pelos oito ou nove anos), o velho Anísio se preparava para tocar num circo de cavaliño. Desde cedo espalhou entre os meninos da vizinhança: "Pai vai acompanhar no piston o cavalo ensinado. O cavalo pula uma corda alta. É só o dono do circo mandar. Pai vai tocar quando o cavalo ensinado tiver pulando".

Naquela noite Miguel vestiu a roupa branca de marinheiro, a gravata azul, larga, sensível à menor ventania. À tarde, sorriu feito um louco com o sujeito que de costas, montado num juumento atravessava a rua perguntando: "O palhaço o que é?" Respondeu com os meninos. "É ladrão de mulher".

"O palhaço o que foi?"
"É ladrão de boi."
"Olha a néga na janela."
"Tem a cara de panela!" — bradava com os meninos.
"Olha a néga no portão."
Miguel ainda mandou sua voz rouca e fraca: "Tem a cara de tição".

Uma criança, o filho do cego, viera à tardinha lhe dizer que não pudera acompanhar o palhaço porque andara com o pai a tirar esmola. Miguel riscou-lhe no braço uma cruz de carvão.

"Você com essa marca eles pensa que você gritou o palhaço e aí você emboca pra dentro".

A noite Miguel aguardava a saída do pai, o pequeno veio dizer que a cruz de carvão não dera resultado: o palhaço tomara por escrito o nome dos que o haviam acompanhado.

"Ontem ele pegou um bocado de menino e botou pra fora do circo — gaguejou a criança.

"Pois fique na calçada esperando. Eu saio com pai e levo você".

Miguel deliciava-se desde já com a felicidade de ver Anísio dirigindo a música num circo de cavaliño. Nunca aquilo acontecera a outro menino. Gostava de ver o jeito que Miguel tinha para toc, fazendo compasso com o pé, o calcenhar apoiando a perna que suportava o pé do instrumento grande, cor de ouro. Nas noites de retreta saía vaidoso da sede da

música, dizendo aos moleques que seu pai era o mestre. Via os olhos de inveja das outras crianças. Nas festas da igreja os namorados pagavam cerveja para os músicos tocar uma valsa. Isto ocorreu há vários anos, mas Miguel se lembra e lembrando sente uma dor profunda: O tempo perdido é um pedaço podre do corpo, espalhado por todos os órgãos. Ainda hoje amargava a infelicidade da noite do circo. Tudo pronto para a função começar, o pai entrou no quarto com agonia. Pediu urinal abriu a boca, ali se finou em golfadas de sangue. Na sala de visita cinco figuras da banda esperavam-no, sem falar no filho do cego, que não tinha dinheiro para saborear as graças do palhaço, as sabedorias do cavalo pulando a corda. A mãe, morreu no fim do ano, saiu do quarto com os olhos esbugalhados, o rosto cortado de sofrimento. Só teve força de dizer "morreu".

Foi um tiro no coração de Miguel. Tombou sobre a cadeira de braço em soluço. A história do pai chega-lhe às vezes à noite, principalmente nas noites de chuva. Vida de mágoas. Nada fez ainda, ninguém o quer em parte alguma; nem mesmo empregado de Pedro pode dizer que o seja. Está ali mais como uma caridade. Entretanto, não se dobrará ao coronel Romão e o desdém que lhe votam algumas pessoas serve-lhe de estímulo. Em Tauá um sujeito anunciava: "O sofrimento acumulou, expõe em revolta."

* * *

Um dia será alguma coisa, acredita Miguel a caminho da loja. Nada mais desejava do que cuidar de sua arte sem a preocupação de ganhar dinheiro. Discorrendo uma vez sobre o a que aspirava, disse a Marta: "Querira viver de música".

Deseja seguir o destino de Anísio, o velho mestre de música.

"Devia haver garantia para todas as vocações" — foi o que lhe disse o homem de Tauá, que o vira tocando, que lhe falara na revolta do sofrimento acumulado. Miguel decorou as palavras do homem magro, apesar de o ter ouvido por poucos minutos. De uma hora para outra as coisas poderão melhorar, um artista poderá viver daquilo que goste. Caminha para a loja, a cabete repleta de velhas frases. Ama acima de tudo o seu instrumento; sem ele não seria capaz de viver. Por que se impressionar com o que dizem os fazendeiros, os donos de muito gado, de dinheiro na mala?

Não devia casar com Marta, ela tinha uma natureza diferente. Deliciosa de corpo, mas ca-

beça ôca, vulgar. Das mulheres que conhecera, uma só era digna de ser amada. E essa conhecera-a de informações. Era Ricarda. Quando Ricarda esboçava a Anita, Miguel via as curvas na mão de Marta. Levava-a para a rede, ficava meditando sobre a inteligência da moça. Como se podia, com pouca idade e pequena instrução, pensar tão certo?

"Ricarda é uma mulher e não um objeto" — disse a Pedro uma vez. Pedro também não a conhecia pessoalmente, mas pelo que Miguel dissera ter lido na carta, ficou admirado. — "Ela tem um caminho e é capaz de andar sozinha" sustentou Miguel. Ricarda não aparecia, semelhante a um fantasma... Já através ara-lhe a cabeça a idéia de convidar Ricarda para casar, mesmo sabendo que não pode sustentá-la, que tem um filho.

Ao se aproximar da casa de Romão, voltou-lhe o desgosto da pobreza. Nunca seria talvez mais do que o simples mestre de música que não existia.

— Quer dar uma esmola, meu patrão? — um mendigo velho lhe estendia a mão preta e magra.

Deu-lhe um tostão, lembrou-se do pai velho. Mandaria fazer fardamento com talabarte, ia comprar um apito de metal; ia sala limpa haveria bancos para quem quisesse assistir aos ensaios. Já estava criando o carnelinho que de fita encarnada iria entre os músicos. Não escolhera um nome bonito para a banda, queria um atraste, nada de Filarmônica. A meninada iria atrás. Parecia ver o filho do cego junto dele, combinando para carregar o banco depois da festa. Depois de tudo pronto iria gozar o prestígio do padre, do juiz e das moças. Belo destino, sem dúvida. Fazia meses que dava aulas, dentro em pouco convenceria o padre e o amigo Pedro a comprarem o instrumental. Via-se na sede ensaiando; os bancos, as grades, as lições à vista de todos: Gente no sereno.

"Como pode haver um casca grossa como o coronel?" — perguntou uma noite a Maria. Simpatizava com d. Catarina; seu jeito era de gente infeliz, de quem sofria grosseiras do marido. Ainda parecia-lhe inteligente, vaidosa e agressiva. Tratará-o na mesa com rispidez. O namorado com Marta jamais deixou de ser coisa sem importância, podia acabá-lo sem mágoa. Entretanto, Romão achava que sua família fora desfeita e até levou a filha para Fortaleza.

Antes de embarcar Marta mandará um recado, nem se lembra por quem, garantindo

(Continua na pág. 19)

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão disticadas com o nome do receptor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso
COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 1948.

A ADMINISTRAÇÃO

POEMAS de CRAVEIRO LEITE

POEMA DAS ALGAS MARINHAS

Pela idéia, a Adertal Jurena

Pelos caminhos do mar
as verdes algas marinhas
não as almas dos sete mares
nas suas roupagens claras,
não as almas retardadas
que perderam seus veleiros
pelos caminhos do mar.

Pelos caminhos do mar
as verdes algas marinhas
entrelaçaram as donzelas,
abraçaram os navegantes
que buscaram esperanças
o Velocino de Ouro
pelos caminhos do mar.

Pelos caminhos do mar
todo juncado de mortos,
na esteira dolorosa
de velhos barcos sem rumo
e que lutam contra a sorte,
se vão as algas marinhas
pelos caminhos do mar.

rumo ao desconhecido
das terras do sem fim.

... e passa a cavalgada.

As passadas incertas
de animais bisonhos
abrem sulcos de dor
nas entranhas da terra.
... e passa a cavalgada.

Cânticos estranhos,
de acordes muito vagos,
parecem embalar
as almas mais doentes.

... e passa a cavalgada.

Uma claridade baça
espelha na estrada
uma poeira de vida
e uma sombra de morte.

... e passa a cavalgada.

Os ciprestes esguios
curvam-se no caminho,
caminho tortuoso
de urres e lamentos.

... e passa a cavalgada.

As estrelas são cirios
errantes no firmamento.
As estrelas são os olhos
esgazeados da noite.

... e passa a cavalgada.

CAVALGADA

A Lauro Lima

Triste e vagarosa,
a cavalgada avança.

Os homens macerados
carregam suas cruces
ao destino insondável
de sua própria sorte.

... e passa a cavalgada.

Triste e vagarosa
a cavalgada avança
perdendo-se no desconhecido
das terras do sem fim.

... e passa a cavalgada.

POEMA AOS MEUS IRMÃOS MAIORES

Meu irmão tristonho
duma vida errante,
vives tão distante
longe de teu sonho.
Meu irmão tristonho
onde está teu sonho?

Meu irmão ditoso
duma sorte clara
levas vida rara
perto de teu gozo.
Meu irmão ditoso
onde está teu gozo?

Meu irmão sem sorte
duma vida vã,
vives num afan
procurando a morte.
Meu irmão sem sorte
onde está a morte?

Meu irmão, Senhor,
que do infinito
lanças ao proscrito
teu inenso amor!
Meu irmão, Senhor,
onde está o amor?

CANTO DE AMOR PAGÃO

Daqui a sete luas
eu voltarei ao encontro
dos sonhos encantados,
das virgens semi nús,
dos rios tortuosos,
dos vales ensombrados.
Daqui a sete luas.



Daqui a sete luas
eu olharei o céu
e subirei ao monte
e descerei ao vale
nas águas da fonte.

Daqui a sete luas
nas noites estreladas
os gênios da floresta
embalados na sonata
de acordes mais divinos
darão a sua festa.

Daqui a sete luas
as ninfas dançarão
ao som de cavatinas

seu bailado nupcial,
nas noites de luar
nas franjas das colinas.

Daqui a sete luas
no templo da floresta
os detuses ouvirão
o hino de louvor
à vida e à beleza
num canto de amor pagão.

Daqui a sete luas
eu voltarei ao encontro
as virgens semi nús,
eu voltarei ao encontro
de meu amor pagão

Fragmento do Divino Narciso de Sor Juana Inés de La Cruz

TRADUÇÃO DE MANUEL BANDEIRA

(Três ovilhejos e soneto)

Narciso, enaminhando-se para a fonte
onde está a ninfa Eco e esta lhe vai
respondendo.

Narc. Este insofrível tormento
Eco Tormento
Narc. Das aflições por que passo
Eco Passo
Narc. Em rigor tão insofrível!
Eco Insofrível.

Narc. Pois em minha dor terrível
Eco E na angústia em que me vejo
Narc. Não gozando o que desejo,
Eco Tormento passo insofrível.

Narc. Oh, como se dói a minha
Eco Minha
Narc. Menosprezada beleza,
Eco Beleza,
Narc. De todas a mais cabal!
Eco Cabal!

Narc. Pois meu fado sem igual
Eco Me sujeita a padecer,
Narc. Vendo ultrajados meu Ser,
Eco Minha beleza cabal.

Narc. Por compaixão, por amor,
Eco Por amor,
Narc. Humano e mortal se fez
Eco Se fez
Narc. O Ser divino e imortal.
Eco Mortal.

Narc. Por ele padeco o mal
Eco Que minh'alma dilacera,
Narc. Pois o Ser que imortal era,
Eco Por amor se fez mortal.

Narc. Como tão fera sujeita
Eco Sujeta
Narc. Esta aflição inumana
Eco Humana

Narc. Meu Ser divino, impassível!
Eco Passível.
Narc. Mas sem dúvida é inventível
Eco Dêsse amor a fortaleza,
Narc. Pois tornou minha beleza
Eco Sujeta, humana, passível.

Os dois
Música e Narc. Tormento passo insofrível
Eco Minha beleza cabal
Narc. Por amor se fez mortal,
Eco Sujeta, humana, passível.

Narc. Mas quem, nesse tronco sêco,
Eco Eco...
Narc. Com tristeza voz e chorosa,
Eco Chorosa,
Narc. A minhas vozes responde?
Eco Responde.

Narc. Quem és tu, ó voz? Ou onde
Eco Estás de mim escondida?
Narc. Quem me responde dorida?
Eco Eco chorosa responde.

Os dois
Narc. Pois já com o que tu estás vendo,
Eco Vendo,
Narc. O teu despeito o que quer?
Eco Que quer?
Narc. Que espera mais teu amor?
Eco Teu amor.

Os dois
Narc. Conciente de teu error,
Eco De teu próprio amor guiada,
Narc. Andas aqui transviada,
Eco Vendo que quer teu amor.

Narc. Se vás que sempre hei de amar,
Eco Amar,
Narc. E hei de estar sempre num sêr,
Eco Um sêr,
Narc. Julgues embora inferior
Eco Inferior
Narc. O objeto do meu amor,
Eco Que desdenha a tua maldade,
Narc. Me enaipa a minha bondade
Eco Amar um sêr inferior.

Narc. Eu tenho de amar; por isso
Eco Por isso
Narc. Não queiras ver-me: de ti
Eco De ti
Narc. Minha beleza se esconde.
Eco Se esconde.

Os dois
Narc. Porque jamais corresponde
Eco Tua soberba à humildade
Narc. Que busca a minha beldade;
Eco Por isso de ti se esconde.

A Música e Eco
Eco chorosa responde,
Narc. Vendo que quer teu amor
Eco Amar um sêr inferior:
Narc. Por isso de ti se esconde.

Narc. Muito cuidadosamente o amor
Eco O amor
Narc. Desejou mostrar que pode
Eco Que pode
Narc. Com suas setas ferir.
Eco Ferir.

Narc. Pois quem me ponde induzir
Eco A que tão penoso viva,
Narc. Senão, com sua força ativa,
Eco O amor que pode ferir!

Narc. Todo o seu poder mostrou,
Eco Mostrou,
Narc. Acertando a mira em mim,
Eco Em mim,
Narc. Que provei sua pujança.
Eco Sua pujança.

Os dois
Narc. Pois abaixando a balança
Eco Da Deidade soberana,
Narc. Para a igualar com a humana
Eco Mostrou em mim sua pujança.

Narc. Triste está minh'Alma: eu amo
Eco Amo
Narc. E' por desventura minha,
Eco Minha
Narc. Busco a minha semelhança.

Eco Semelhança.
Narc. Quem a razão não alcança
Eco Dêttas suspiros que dou,
Narc. Desta aflição em que estou?

Os dois
Eco Amo minha semelhança.

Narc. De meu Trono, que é do Céu,
Eco Do Céu,
Narc. Amoroso e manso vim,
Eco Vim,
Narc. Sem ver que para morrer.
Eco Para morrer.

Os dois
Narc. Ninguém poderá medir
Eco O valor desta fineza,
Narc. Pois renunciando à Grandeza,
Eco Do Céu vim para morrer.

A Música e Narc. O amor que pode ferir
Eco Mostrou em mim sua pujança;
Narc. Amo minha semelhança,
Eco Do Céu vim para morrer.

Val-se aproximando Narciso da fonte o dir:
Eco Mas já me vai vencendo a dor; já chego
Narc. Ao fim por minha imagem tão querida;
Eco Pois é pouco a matéria de uma vida,
Narc. Para o tão grande fogo que carregou.

Já dou licença à morte, a Alma já entrego
Eco Para que do meu corpo ela a divida;
Narc. Que da divina essência em mim confida
Eco Não só para morrer me desapego.

Tenho sede, e do amor que me há abraçado,
Eco Ainda com toda a dor que padecendo
Narc. Venho, meu coração não está saciado.

O' Pai, por que num transe tão tremendo
Eco Me desamparaste? Tudo é consumado;
Narc. Em tuas mãos meu Espírito encomendo.



O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO E O REPOUSO DOS COMERCIÁRIOS

Do Serviço Social do Comércio, em Pernambuco, entre as suas atividades sociais, destaca-se a Colônia de Férias, em Garanhuns, para os comerciários.

Iniciativa das mais saudáveis e oportunas, a Colônia de Férias, situada numa cidade de clima ameno como a de Garanhuns vem despertando interesse invulgar nos meios comerciários que, pela primeira vez, encontraram quem se interessasse pelas suas férias.

O SESC organizou um serviço perfeito, escalando turmas de moças e rapazes do comércio do Recife e dando-lhes transportes e hospedagem gratuitos, além de vários divertimentos no local das férias.

A fotografia ao lado é um aspecto da primeira turma de comerciários pronta para embarcar, no trem de horário, para a conhecida cidade serrana. Pela fisionomia dos itinerantes pode-se, muito bem, deduzir da alegria e da satisfação com que receberam essa notável iniciativa do SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, na sua secção de Pernambuco.

Pernambuco Autoviária Limitada

NÃO PROMETE...

→ REALIZA!

ONIBUS MODERNÍSSIMOS
SEMPRE LIMPOS E ASSEADOS

O RECIFE ORGULHA-SE DE POSSUIR UM SERVIÇO
DE TRANSPORTES URBANOS COMO O DA
PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LIMITADA

O DESÂNIMO LEVA O
HOMEM AO FRACASSO...

... MAS A PERSEVERANÇA
O CONDUZ AO TRIUNFO!

A FAVORITA

EM LOTERIAS DA SORTE

Pagamento imediato dos prêmios

Rua Nova, 303 — Fones: 6903-6919 — RECIFE
Matriz: Av. Rangel Pestana, 1206 — S. PAULO

DR. LOPES MAIA

DOENÇAS INTERNAS DO
ADULTO E DA VELHICE

DAS 15,30 ÀS 18 HORAS E AOS SÁBADOS,
PELA MANHÃ

CONSULTÓRIO:
RUA NOVA
(Edifício SLOPER)

RESIDÊNCIA:
RUA NICARAGUA, 86
FONE: 28930

FOI INAUGURADO, ONTEM, O PRIMEIRO SALÃO DE POESIA DO RECIFE

FIGURAM NA MOSTRA TRABALHOS DE POETAS DE TÓDAS AS IDADES E ESCOLAS

Com a presença do governador Barbosa Lima Sobrinho, secretários do Estado, autoridades, escritores, jornalistas, poetas, estudantes e senhoras e senhorinhas da nossa sociedade, inaugurou-se, ontem, no Gabinete Português de Leitura, o I Salão de Poesia do Recife, patrocinado pela revista "Nordeste", editada pela Empresa do JORNAL DO COMMERCIO S. A. e com o apoio das revistas "Região", "Presente de Natal" e Diretoria de Documentação e Cultura.

Causou impressão magnífica ao público a mostra de poesia manuscrita onde poetas de todas as idades e escolas estão presentes em poemas, sonetos e poesias firmadas, metrificadas e em versos livres, ilustrados pelos pintores e desenhistas pernambucanos de várias escolas.

No ato da inauguração falou o poeta Carlos Moreira, em nome dos poetas expositores dizendo que afinal tinha chegado o dia nesse 22 de setembro, o início da primavera, que os poetas de todas as latitudes haviam atendido ao chamamento do Recife e ali estavam de mãos dadas fraternizadas em poesia, cantando para um mundo dilacerado e atônito uma mensagem de amor e de fraternidade.

Reafirmou que a poesia estava viva, bofando, desmentindo aqueles senhores apressados que haviam passado a sua certidão de óbito. E até Castro Alves estava ali com os maiores de hoje, reivindicando para o Salão, um lugar decisivo na história da literatura brasileira.

Conclamou o povo a comparecer ao Salão, a beber um pouco de poesia que não pôde comprar em livros e em companhia dos poetas, esquecer as pequenas e grandes tragédias quotidianas e, também, o povo ir, naquele instante, embora para Passagarda, onde todo mundo é amigo do Rei. Concluiu salientando que sem Aderbal Jurema, Célio Regueira Costa, Edson Begia, Nilo Pereira e Mauro Moita, não seria possível a realização do Salão de Poesia.

O poeta Carlos Moreira, em nome de seus colegas, pediu ao governador Barbosa Lima para inaugurar o salão que era o primeiro do mundo, pois não havia notícia de outro nem em Paris, nem mesmo em Shangri-lá ou numa estrêla.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho usou da palavra concordando com o poeta, afirmando que a poesia confraterniza os homens e estava alegre em dar por inaugurado aquele salão em Pernambuco. Estado que precisava mesmo de uma maior compreensão entre os homens de boa vontade. E acrescentou que se sentia satisfeito, em ser aqui, no Recife, que se inaugurasse o I Salão de Poesia de Pernambuco que também julgava ser o primeiro do mundo.

Concluiu proclamando os poetas para que continuassem a dar novos salões de poesia como o primeiro que bem demonstra o nosso elevado grau de cultura. Em seguida o governador Barbosa Lima Sobrinho, acompanhado de seu secretário percorreu todos os "stands" comentando com os poetas as novas e velhas tendências da poesia. O I Salão de Poesia estará franqueado ao público diariamente das 8 às 19 horas. (Do "Jornal do Commercio" de 23-9-48).



Ladjane, 20 anos, de Nazareth da Mata, revelação do I Salão de Poesia, expôs alguns poemas e ilustrou vários outros com grande talento



Resposta a Cicero — experiência de Ladjane, depois que viu a exposição do pintor abstracionista

O SACRIFICIO DO JOVEM LÉPIDO Conto de ANTONIO FRANCA

As informações secretas indicavam que os conspiradores desenvolviam uma febril atividade subterrânea.

O tumulto ocorrido no Forum era disse prova inquietante. Tornava-se oportuno agir com energia e rapidez.

Depois de deliberar com o cônsul Agripa, o cavalheiro Maceas, encarregado por César Otaviano do governo de Roma, mandou chamar o tribuno militar Columela, comandante da guarda urbana, e deu-lhe ordem de prender o jovem Marco Lépidio e os chefes da conspiração conhecidos de sua espionagem.

No mesmo tempo enviava a libertina Mégas à cidade de Tusculum comunicar ao pai do jovem sedicioso, o Pontífice Máximo, Marco Emílio Lépidio, que o filho estava acusado do crime de alta traição.

O antigo triúnviro recebeu a notícia com surpresa, mas se manteve impassível. Seu pesar e amargura cresceram com o relato das atividades criminosas do filho feito emissário de Maceas. Sua vaidade atingida transfigurou-lhe a fisiognomia, mas não se dignou pronunciar uma palavra. Permaneceu taciturno, apesar do tom amistoso com que lhe falava o libertino, seu antigo conhecido, deplorando a situação.

O velho Pontífice não cogitou de dirigir-se logo a Maceas insinuando clemência para o filho. Não se moveu a escrever-lhe declarando-se fiador do acusado. Todavia, mal saiu o emissário, fez sinal a Epifânio, seu libertino de mais confiança, que a distância assistiria à conferência, e ordenou-lhe que fosse a Roma e prestasse ao filho todo auxílio possível. O libertino, que fora preceptor do rapaz, partiu sem perda de tempo.

O tribuno Columela tomara as providências para a prisão simultânea dos principais sediciosos. Antes que os litores fossem executá-la, mandou um grupo de homens armados e disfarçados cercar suas residências. Diferentes decórias da guarda urbana, na mesma hora também, davam busca nas moradas de plebeus, libertos, estrangeiros e escravos, sujeitos de participarem da trama, prendendo os que encontravam. Os diretores da nova associação, chamada Lucretiana, constituída secretamente por antigos membros das sociedades setlorais de Clódio, postas fora da lei por Marco António depois dos motins subsequentes ao assassinio do Idos de Março, foram procurados com furor inaudito.

Lépidio foi surpreendido num dia dos mais agitados do seu trabalho na preparação do golpe contra César Otaviano. Quando seu escravo atirante lhe foi comunicou que se achavam à porta litores togados, distraidamente respondeu que os mandasse entrar, pois nada receia-

vidado, porém não estava ao abrigo de suas mãos. Manifestar seu furor serviria apenas para divertir Columela e seus esbirros.

Medius Fidius! que memória prodigiosa digna de causar inveja à própria deusa Memória! — repetiu, preferindo rir com o próprio Columela, enquanto encarava o delator, com o qual estivera há dois dias na reunião dos cabeças sediciosos na casa próxima ao Templo da Honra e da Virtude.

II

O tribuno militar mandou encarcerá-lo. Os litores conduziram-no ao compartimento posterior, pelo qual se descia ao porão. Os escravos abriram a lage e apareceu em baixo o cárcere. Subiu um bafo úmido e nauseante, capaz de provocar vertigem. Lépidio, ainda quente de raiva, manteve-se firme. Foi agarrado pelos escravos e atirado pela abertura às mãos dos carcereiros que lá em baixo o sustentaram.

Os escravos do cárcere receberam o nobre patricio, o filho do Pontífice que fora durante algum tempo o mais poderoso dos romanos. Despejaram-no dos calcados, cinto, bolsa, estilete, deixando-o só com a túnica. Depois, indiferentes ao tético da manomorra e à sorte desgraçada do moço patricio, abriram a cela, fizeram-no entrar e fecharam a porta de ferro, ostentando-a com força.

O estrondo da porta metálica ao fechar-se, encerrando-o numa cela suja e sem luz, fê-lo estremecer. Dall raramente se assia com vida. O sangue gelou-se nas suas veias, o pavor apoderou-se dos seus sentidos.

Pensava alucinadamente. Repassavam em seu cérebro, como preocupações angustiantes, os fatos intensos dos últimos dias. Totalmente invadido por um pesar incomensurável ao passo que recordava seus ingéniosos esforços em procura de ensinamentos justos, sentiu que o mundo dos seus planos lucreianos de lutar pela restauração da liberdade republicana e de vingar as traições com que Otávio e António desforram o pal. cerava-se definitivamente com a porta da manomorra.

Deante do malogro dos seus passavam em seu cérebro, como tão facilmente a sinceridade se torna suscetível de chamar-se crime; como a virtude se transforma como a velhacaria pode ser não menos aplaudida e premiada. Assim era recompensado seu devotamento à pátria. As lições do filósofo epicurista vinham-lhe à mente e seus conceitos outrora tão amados se dissipavam de sua consciência como tufo de fumaça espalhada pelo sóopro gelido de uma pragmática da mentira, abençoada pelos deuses na palavra dos sacerdotes venais, garantida pela lei aplicada pelos detentores do poder.

Tudo estava perdido. Pensou ainda que haveria companheiros em liberdade que proseguiriam... Mas não; eles nada fariam quando soubessem da traição. Iriam procurar salvar suas vidas rendendo homenagens aos senhores de Roma.

(Coelhaux no próximo número)

Banco do Povo S. A. Recife - Pernambuco

CONSELHO FISCAL José Augusto Alves de Paula, Antônio Fázio Sobrinho, Manoel Castano de Brito

INAUGURADO em 27 de abril de 1920, com o capital subscrito de Cr\$ 1.000.000,00, em 20.000 ações, distribuídas entre 407 acionistas, e do qual primeiro realizado Cr\$ 600.000,00, levou, no seu primeiro exercício, para o fundo de reserva, a quantia de Cr\$ 5.000,00.

Os seus depósitos, no seu primeiro balanço, registavam Cr\$ 1.864.740,70, enquanto os empréstimos somaram Cr\$ 1.456.533,10. Ao terminar o primeiro quinquênio, estas cifras estavam assim representadas: Depósitos Cr\$ 8.294.201,60, Empréstimos Cr\$ 6.205.542,30. Ainda com o capital realizado de Cr\$ 600.000,00, o seu fundo de reserva já se elevava a Cr\$ 20.000,00, sendo distribuído, por semestre, o dividendo a razão de 6%, entre os acionistas, então reduzidos ao número de 313, em consequência de transferência de ações.

BALANÇOS QUINQUENAIS Foram as seguintes as cifras apresentadas em Balanço, em 31 de dezembro de cada quinquênio.

Table with 3 columns: Year, Description, Amount in Cr\$. Rows include 1920-1924, 1925-1929, 1930-1934, 1935-1939, 1940-1944, 30/6/1948.

Table with 3 columns: Year, Description, Amount in Cr\$. Rows include 1920-1924, 1925-1929, 1930-1934, 1935-1939, 1940-1944, 30/6/1948.

Table with 3 columns: Year, Description, Amount in Cr\$. Rows include 1920-Instalção, 1929-Incorporado, 1941-Incorporado, 1943-Subscrito, 1948-Subscrito, 1948-Incorporado.

Table with 3 columns: Position, Name, Location. Rows include Presidente Afonso de Albuquerque, Vice-Presidente Antônio Gaspar Lages, Secretário Antônio Martins do Eirado, Superintendente Miguel Gastão de Oliveira.

FILIAIS em — Salvador—Bahia, Maceió—Alagoas, João Pessoa—Parahyba, Campina Grande — Parahyba e Natal—Rio Grande do Norte.

Table with 2 columns: Location, Branch Name. Rows include Pernambuco (Garanhuns, Caruarú, Nazaré), Pernambuco (Escritórios em: Garanhuns, Bezerros, Pesqueira, Sertania).

Mapa dos Habitantes do Sertão no Ano de 1924

BRANCOS

IDADES	Solteiros		Casados		Viúvos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	0 a 10	307	325	—	—	—
10 a 20	92	115	25	84	—	—
20 a 30	42	35	106	123	—	—
30 a 40	15	19	102	86	—	—
40 a 50	—	—	85	63	—	—
50 a 60	—	—	86	59	—	—
60 a 70	—	—	52	46	12	8
70 a 80	—	—	34	21	21	33
80 a 90	—	—	—	—	34	18
90 a 100	—	—	—	—	10	—

PARDOS

IDADES	Livres						Cativos					
	Solteiros		Casados		Viúvos		Solteiros		Casados		Viúvos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	0 a 10	506	578	—	—	—	—	96	72	—	—	—
10 a 20	102	124	15	34	—	—	26	38	—	—	—	—
20 a 30	83	94	105	109	—	—	24	32	12	8	—	—
30 a 40	—	—	104	109	—	—	10	29	12	20	—	—
40 a 50	—	—	80	91	—	—	10	11	16	21	—	—
50 a 60	—	—	24	15	25	20	—	—	2	1	—	—
60 a 70	—	—	—	—	19	21	—	—	—	—	6	6
70 a 80	—	—	—	—	14	8	—	—	—	—	32	12
80 a 90	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
90 a 100	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—

PRETOS

IDADES	Solteiros		Casados		Viúvos		Solteiros		Casados		Viúvos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	0 a 10	27	36	—	—	—	—	142	247	—	—	—
10 a 20	10	15	—	—	—	—	70	84	—	—	—	—
20 a 30	3	9	9	15	—	—	36	62	—	—	—	—
30 a 40	—	15	27	21	—	—	20	42	44	60	—	—
40 a 50	10	6	—	—	—	—	60	94	45	64	—	—
50 a 60	24	15	6	6	—	—	22	18	21	16	—	5
60 a 70	3	9	—	—	10	11	—	—	11	8	—	—
70 a 80	—	—	—	—	6	5	—	—	—	—	—	—
80 a 90	—	—	—	—	3	2	—	—	—	—	—	—
90 a 100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

RESUMO

Branços	2.112
Pardos	2.199
Pretos	1.454
Total	6.366

A Região do Seridó

(Continuação da página 14)

do na liga de cobre-berílio, de grande valor na indústria moderna, pela sua resistência e elasticidade, encontrando-se especialmente em Jardim do Seridó, Paraíba, Acazi e Currais Novos; scheelita, minério de tungstênio, também usado na composição de aços especiais, empregado em ferramentas de precisão, instrumentos cirúrgicos e na indústria bélica, localizado em Calço, Serra Negra, Jardim do Seridó, Paraíba e Currais Novos; e cassiterita, minério de estanho, ainda pouco exportado, mas de possibilidades comerciais evidentes.

Há ainda mica, cristal, enxofre e provavelmente outros muitos que pesquisas posteriores deverão comprovar.

E' uma face nova da economia seridóense que somente agora começa a ser desvendada e que certamente rasgará novos horizontes à região.

A gente seridóense é sãdia, forte, resistente, enérgica e operosa.

Dai o haver se construído ali uma civilização interessante, pronta a sua população a realizar todas as iniciativas do progresso que ao seu lado despendam, e vivendo com o relativo conforto que as condições econômicas e sociais tornam possível.

As suas cidades são limpas, asseadas e confortáveis.

A sua gente vive relativamente feliz, com um alto nível de moralidade, e com um comércio desenvolvido e próspero, em contacto diário, através da sua excelente rede rodoviária, com as praças de Natal, Campina Grande, Paratyba e Recife.

Os seus grupos escolares, funcionando em prédios construídos de acordo com a higiene e a pedagogia, em cidades e povoações, vivem repletos de alunos, ávidos de instrução, o mesmo acontecendo nas escolas isoladas, públicas e particulares, que pontilham arduos e fazendas.

Em uma região de clima seco e saudável, e, assim, não tem a verminose, o impudismo e outras endemias que flagelam as zonas dos vales úmidos do litoral nordestino.

Mas o Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro de progresso e bem estar, que todos os seus filhos se unam numa política de construção econômica e social de largo alcance, a qual deve começar pela defesa da saúde do homem e pela sua educação, passando pelo aparelhamento econômico da região para resistir sem abalos as longas estiagens periódicas e terminando pelo cuidado sistemático, científico e técnico da sua produção, notadamente o seu algodão de fibra longa, o mocó, a sua mais sólida riqueza e o seu verdadeiro suporte econômico, a respeito do qual sempre leva a efeito uma série considerável de providências, conducentes à defesa de uma fibra que desaparecerá pela hibridação e pela degenerescência, se não pusermos ao seu serviço os cuidados técnicos que a ciência indica e aconselha.

No seguimento dessa salutaríssima política, cabe prestigiar a Estação Experimental que, por minha iniciativa parlamentar, desde 1924 funciona no Seridó, e cujo aparelhamento o mais completo possível precisa e deve ser feito.

"HISTÓRIA AMENA DE UMA CAMPANHA"

EM 2.ª EDIÇÃO

Quando um livro editado na província chega a segunda edição é porque o interesse em torno dele foi espetacular. Eis aí, sem dúvida, o maior cartaz para o livro de crônicas políticas "História Amena de uma Campanha", do jornalista Andrade Lima Filho que anuncia, para breve outro livro: "Movietone político". Escrevendo crônicas diárias para jornal, à margem da última campanha político-eleitoral que empolgou o Estado, Andrade Lima Filho conseguiu imprimir um sentido de permanência nas suas acutiladas amenas que abriram um caminho seguro ao comentário político da Província. Ao lado de sua quotidiana atividade de comentarista político, o autor promete um romance sob o título de "Luzes dentro da bruma" e um livro de memórias, onde aguardamos o escritor com a experiência e a vivacidade de estilo já demonstrada no jornalista da "História Amena de Uma Campanha", que já vai para quatro milheiros.

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

NOVOS POEMAS DE MAURO MOTA

BALADA DO VENTO FRIO

A PARTIDA



AS MÃOS

As mãos leves que amei. As mãos, beijei-as nas alvas conchas e nos dedos finos, nas unhas e nas transparentes veias. Mãos, pássaros voando nos violinos.

Abertas sempre sobre os pequeninos, mãos de gestos de amor e perdão cheias. Mãos feitas para construir destinos no céu, no mar, nas tópidas areias.

As mãos que amei em todos os instantes. A carícia das mãos que iam colhê-las eram as rosas que colhiam antes.

Se parecem dormir, não as despertes. As mãos que amei, que desespêro vê-las cruzadas, frias, languidas, inertes!

Vem vindo o violento vento, zunindo zigue-zagueia, frio, frígido, friorento, vara o vidro das vidraças, gargalha, geme, golpeia.

Corre do sul para o norte o vento frio da morte.

Vem vindo o vento violento praticar infanticídios. Mata as rosas em botão, rosas cobrem outras rosas deixadas mortas no chão.

Corre do sul para o norte o vento frio da morte.

Vem vindo o violento vento, gargalha, geme, golpeia, zangado, zozno na zozada, e corisco chicoteia a noite despedaçada.

Corre do sul para o norte o ventó frio da morte.

Recua e ruga raivoso o vento vertiginoso, percebe o terror dos ninhos, fuzila feroz famílias inteiras de passarinhos.

Corre do sul para o norte o vento frio da morte.

Suicídio das águas virgens que se jogam na amplidão, pulam corpos das cachoeiras nas pedras duras do chão. As águas noivas vestidas de espumas para casar o vento violento afoga, nas profundezas do mar.

Corre do sul para o norte o vento frio da morte.

Violento vento veloz passou pelo cemitério que, entre os longos dedos frios, o vento veloz transporta os feridos fios finos da cabeleira da morte.

Corre do sul para o norte o vento frio da morte.

Meus amigos, vou-me embora. Visto a blusa de emigrante. Dois punhais ferem o tempo, cai sangue da última hora. Cresci. Fiquei diferente. Conservo imprecisos traços da criança que era eu mesmo e que morreu nos meus braços. Levo os pés limpos da areia do caminho que foi meu. Passei mais depressa que eu o tempo que Deus me deu. As mãos levantei em vão, deixo as flores intocadas, intocadas as estrélas e as pérolas dos sete mares. Serei a semente estéril presa no fundo do chão que nem o orvalho dos olhos da filha fecundário. Adeus, meus amigos, parto Sem saber para que pórtio. aproxima-se o navio, recolhe o marujo morto. O noivo gostou da casa, traz a noiva pelo braço. Não tem medo do fantasma caindo em pé no terraço. Os cravos brancos que eram toda a riqueza que eu tinha vão rebentar nos cabelos da mulher que não foi minha. Já na porta do Outro Lado, tentando acordar as almas, um homem e um menino começam a bater palmas.

Carta aberta a Renato Mendonça

Pede-me você algumas páginas datilografadas sobre cultura brasileira ou portuguesa, susceptíveis de interessar a amigos ou a um dos dois países. Recém-chegado à Divisão Cultural do Itamarati, não tendo, de pronto, no meu horizonte, qualquer tema especial, capaz de colimar tão atraente designio, aliás cheio de seduções para o meu espírito, escrevo-lhe estas linhas, apressadas e simples, para conversar com você, para testemunhar-lhe mais uma vez quanto admiro o seu entusiasmo infatigável pela obra de cooperação intelectual do Brasil com o mundo, para felicitá-lo pela iniciativa fecunda do "Brasil Cultural", em uma palavra, para matar saudades, alongadas desde o nosso último encontro nos Estados Unidos.

A sua concepção da diplomacia, como instrumento de difusão cultural brasileira, de aproximação do Brasil com os outros países no terreno das idéias, no puro domínio do pensamento, parece-me a mais feliz, certo de que se por esse prisma ideal que melhor podemos afirmar a nossa civilização, a nossa capacidade criadora, a nossa capacidade de nos abriremos para a nova vida das nossas faculdades rítmicas estimuladas por tantos fatores desaparecidos, algumas vezes mal apreciadas pelos observadores superficiais. Na originalidade e pujança da sua projeção artística e literária, na extensão dos seus trabalhos científicos e culturais, não acha você que o Brasil pode oferecer alguma coisa digna de interessar os outros povos, sobretudo da Europa e da América, ou que nos precederam no tempo e os que são nossos irmãos de idade? Alguma coisa pouco conhecida, mas merecedora de uma afirmação ampla no cenário internacional, o aspecto mais cativante e expressivo da obra criadora dos brasileiros. Podemos e devemos proclamá-lo. Eu vejo nisso uma bela parte dos espíritos, como o seu,

que na jovem diplomacia seguem a trilha de algumas figuras de escol, dedicadas a descobrir o Brasil em outras latitudes, procurando os pontos de contacto, no passado, com os países para os quais nos mandam o Itamarati, e ranguendo perspectivas a uma colaboração recíproca, fecunda no futuro. Sempre me encantei com os trabalhos dessa natureza, que nos permitem a ilusão de não nos afastarmos da nossa terra e servimo-la, peito às musas dadas, pelo mundo além, musas da sabedoria, que nos revelam as mais capciosas e nobres feições da vida. Já se você por que razão não podia eu retardar os meus parabéns, sabendo um dos elementos mais eficientes da nova geração nesse domínio e querendo, deste jeito, exprimir-lhe a minha solidariedade.

Se o imperativo dessa vocação da nossa carreira se afirma indistintamente além das fronteiras, parece óbvio acentuar que em Portugal encontramos o terreno mais próprio para exercitá-lo. As raízes são tão profundas, em nossa formação que, ao tornar ao jardim da Europa, a beira-mar plantado, numa viagem de regresso simbólico pela lembrança afetiva dos nossos antepassados lusos, as evocações nos cercam e a vasallagem de modo empolgante. E não só nos museus, nas bibliotecas, nos arquivos, nos monumentos, levantando as páginas de Vasconcelos de Drummond, de Varnhagen, e de quantos passaram pela nossa Embraxada em Lisboa depois deles, mas também, com a presença e vida dos dias que correm, nas salas de conferências, nas exposições, no comércio de livros, na divulgação escrita do pensamento brasileiro, como em boa hora se empenha a "Biblioteca Gonçalves Dias" e o "Brasil Cultural", que os recursos modernos põem ao nosso alcance para tão elevado propósito. Pois



se íntima e profunda é a convivência de brasileiros e portugueses, a verdade é que o tempo e a distância engendram um certo desconhecimento recíproco, sobretudo no campo ideal a que me refiro, entre as duas praias — a ocidental praia lusitana, e esta outra onde — em carícias se muda a inclemência das vagas. Sem querer, a seta lírica, nosso bem e nossa fraqueza, leva-me insensivelmente a usar fraseologia poética de Camões e Biliac, servindo para mostrar quanto somos parecidos, brasileiros e portugueses, sobretudo na terra pelo berço. Parecidos, embora, cultivamos a distância o mesmo

amor, sem nos conhecermos, no entanto, como é devido e necessário. E ao voltarmos a Portugal — o regresso simbólico pelo invocação dos nossos maiores — sentimos, se possível, com intensidade maior, a saudade, sentimos, sobretudo, a conveniência de transformá-la em força de aproximação ativa. Daremos ao "maudalismo" um sentido atual e dinâmico. Recordando os vínculos ídos, e os laços a criar e a estreitar, mostraremos a Portugal quanto de ponto de partida da primeira colonização, evoluímos e fundamos uma nova civilização, na qual, com o mesmo ímpeto de humana simpatia, herdado

dos portugueses, plasmanos, no maior cadinho da história, uma grande raça, coisa em prezar todos os seus componentes, oriundos dos pontos mais diversos do planeta, unidos, porém, pela língua, a mesma língua do padre Vieira e de Rui Barboza. Sem querer, meu caro Renato, estendi esta conversa fiada obedecendo ao impulso puro e nítido do coração, só para dividir da minha alegria e simpatia ao registar o êxito vibrante da sua iniciativa do "Brasil Cultural", e enviar-lhe os meus votos efusivos de boas-festas. Repeti, aí de mim, coisas que você conhece melhor do que eu. Você fará obra duradoura, por

ser obra do coração e da inteligência, a melhor que podemos tentar em se tratando do caro e herdeiro Portugal e todos os tempos.

Perdeu a singeleza do meu aplauso e disponha, sempre do velho colega e admirador.

ARGEU GUIMARAES

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1947.

(Publicada na revista "Brasil Cultural", dirigida pelo escritor Renato Mendonça, conselheiro brasileiro na cidade de Porto — Portugal n.º de maio, de 1948)

CONTRIBUIÇÃO AO ROMANCEIRO NACIONAL

HELIO GALVÃO

(Continuação do n.º anterior)

Essas sete que ficaram foram ver passa-los reis; deu-lhe tangro-mangro nelas, não ficaram senão seis.

Essas seis que ficaram foram ver passa-lo brinco; deu-lhe tangro-mangro nelas, não ficaram senão cinco.

Essas cinco que ficaram foram ver passa-lo rato; deu-lhe tangro-mangro nelas, não ficaram senão quatro.

Essas quatro que ficaram foram ver passa-la rez; deu-lhe tangro-mangro nelas, não ficaram senão três.

Essas três que ficaram deu-lhe tangro-mangro nelas, foram ver passa-los bois; não ficaram senão dois.

Esses dois que ficaram foram ver a precisão; deu-lhe tangro-mangro nelas, não ficaram senão um.

Esse um que ficou foi ver amassa-lo pão; deu-lhe tangro-mangro nelas, acabou-se a geração.

Esta fórmula emprega-se em Penafiel para a cura de bubões. A versão brasileira não tem sentido mágico. Por isso não aceitamos a tese do prof. Mendonça, que filia a ensalmo da ordem numérica decrescente existentes na Baixa Bretanha o tema em apreço. As versões bretãs, transcritas pelo professor mexicano, existem também no Brasil, para a cura de bicheiras, sem rima, talqualmente aquelas. E nesse sentido a *Oração das Treze Palavras Retornadas* constitui um autêntico modelo.

Tango-lo-mangro é um plebeísmo brasileiro, para significar doença brusca e fatal. Index (índice) é o ovo que se deixa no ninho para que a galinha o não abandone, durante a postura.

3. O CASAMENTO DA CATITA COM O RATO

Procede de Pernambuco, esta Relação. Foi minha mãe, Isabel Genuína Galvão, quem m'a ditou.

Eu agora vou contar
Como foi meu casamento
Eu chamei o pai da moça, sinha dona
Contei meu procedimento.

2

Quando eu falei com o velho,
Ele chamou logo a filha,
O chapéu do casamento
A moça saiu pra fora, sinha dona,
— O casamento é tal dia

A calça do casamento
Era de ganza amarela,
O palitô de alpaca, sinha dona,
E camisa de flanela.

4

Foi meu sógro quem me deu,
A massa era tão fina, sinha dona,
Que no botar se rompeu.

5

O vestido do casamento
Foi, sim, comprado por ela,
E a capinha de cima, sinha dona,
Era de seda amarela.

6

O casamento forjado
Tôda festa se aprontando,
Ela botou as mãos nos quartos sinha dona,
Salu por ali dançando.

7

O moça não faça isso
Que isso não lhe é decente,
Ela foi me respondeu, sinha dona,
Adoante de tôda gente:

8

— Eu já estou arrependida
De casar contigo, moço,
— Si está arrependida, sinha dona,
Vá procurar outro moço.

4. O CASAMENTO DA FILHA DO BESOURO

A epigrafe é unilateral. Desta interessante Relação damos duas versões. A primeira é colheita pessoal, procedente do município de Goiânia. A segunda, intitulada *O casamento da Raposa*, é do Estado de Minas Gerais, registrada pela folclorista dona Alexina de Magalhães Pinto, (10).

O Casamento da Filha do Besouro

— Mestre Besouro,
Quando casar nossa filha?
— Como é que casa,
Mulher sem marido?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu o saguim
Por ser muito oferecido:
— Pronto estou eu
Para ser o marido
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que o marido
Já arranjemos;
Agora o vigário
Aonde o veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu o urubú
Lá de cima dos seus ares:
— Pronto estou eu

Respondeu a guariba
De dentro da camarinha:
— Pronto estou eu
Para ser a madrinha.
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que a madrinha
Já arranjemos;
Agora a comida
Aonde a veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu a onça
Lá de cima do serrote:
— Ponta estou eu
Para dar um garrote.
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que a comida
Já arranjemos;
Agora a farinha
Aonde a veremos?
Zungo, zungo, zungo,



Numa tarde, no Salão de Poesia, LADJANE desenhou a "Composição Poética" que ofereceu aos seus companheiros de expiação.

Para ser o vigário,
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que o vigário
Já arranjemos;
Agora o sacristão
Aonde o veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu o calangro
Lá de dentro do melão,
— Pronto estou eu
Para ser o sacristão,
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que o sacristão
Já arranjemos;
Agora a madrinha
Aonde a veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Zungo, zungo, zum.

Respondeu a formiga
De dentro dos formigueiros:
— Pronto estou eu
Para dar um alqueire.
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que a farinha
Já arranjemos;
Agora o tempero
Aonde o veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu o xexéo
De cima da bananeira:
— Pronto estou eu
Para dar o tempero,
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que o tempero
Já arranjemos;

Agora a cozinha
Aonde a veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu a lagartixa
De cima da cumieira:
— Pronto estou eu
Para ser a cozinha,
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo que a cozinha
Já arranjemos;
Agora o tocador
Aonde o veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu o percevejo
De cima do armador:
— Pronto estou eu
Para ser o tocador,
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

E' certo o tocador
Já arranjemos;
Agora as cavalheiras
Aonde as veremos?
Zungo, zungo, zungo,
Zungo, zungo, zum.

Respondeu a gria
Junto com o seu capote:
— Pronto estou eu
Para dançar um chote.

O Casamento da Raposa

Senhora Raposa
Casai vossa filha
Pra termos um dia
De grande alegria.

O' que belo, ó que bom,
Alegria já temos;
Só nos falta o noivo
De onde ele vem?

Respondeu o taitú
Com seu cacó novo:
Casai vossa filha
Que eu serei o noivo.

O' que belo, ó que bom,
O noivo já temos;
Só falta a madrinha;
De onde ela vem?

Respondeu a jararaca
Tôda enroscadinha:
— Casai vossa filha
Que eu serei a madrinha.

O' que belo, ó que bom,
Madrinha já temos;
Só falta o vestido;
De onde ele vem?

Respondeu o boi,
Com o rabo estendido:
— Casai vossa filha
Que eu darei o vestido.

O' que belo, ó que bom,
Vestido já temos;
Só nos falta o véu;
De onde ele vem?

Respondeu a paca
Dentro do mundo:
— Casai vossa filha
Que eu darei o véu.

O' que belo, ó que bom,
O véu nós já temos;
Só faltam as meias;
De onde elas vêm?

Respondeu a aranha
Tecendo umas teias:
— Casai vossa filha,
Que eu darei as meias.

O' que belo, ó que bom,
As meias já temos;
Só faltam sapatos;
Daonde eles vêm?

Respondeu o veado
De dentro do mato:
— Casai vossa filha
Que darei o sapato.

O' que belo, ó que bom,
Tudo já temos;
Só falta a igreja,
Daonde ela vem?

Respondeu o maribondo
Na sua peleja:
— Casai vossa filha,
Que eu darei a igreja.

O' que belo, ó que bom,
Igreja já temos;
Só falta o vigário;
Daonde ele vem?

Respondeu o urubú
Do seu lindo galho:

(Continua no próximo número)

V. S. na

CASA DA FORTUNA

ENCONTRARÁ A

SUA "CHANCE"

MELHORES PRÊMIOS

Pontualidade e segurança

Em torno de um ROMANCE

Jonas FERREIRA Lima

Nenhuma faculdade do espírito penetra e cava mais profundamente que a imaginação.

V. HUGO

Agosto de 1948. Se a realidade íntima do escritor se espelha nas suas concepções, idéias e sentimentos, principalmente quando eles representam virtudes da pura imaginação, nenhum outro romancista se transportou e centralizou-se nos movimentos de sua obra tanto quanto o fez Tolstói em *Guerra e Paz*. Este é um romance cujas raízes parecem ter estado nas entranhas do artista. Não do artista como simples individualidade, como homem só, mas do artista gênio de um povo que para realizar se desdobrou em emoções, idéias e sentimentos vindos da vida mesma e da humanidade. *Guerra e Paz* faz parte dessas obras que depois de uma única concepção individual que lhe valeu criadas se apresentam como frutos de milhares de anos de experimentação em torno da realidade humana e, portanto, nos comunicam a impressão de pertencermos mais a um processo metafísico e infinito de formação do que a uma única concepção individual que lhe valeu a origem.

"Guerra e Paz" pode ser considerada como uma das obras mais bem engenhosamente concebida em matéria de arte. Não só do ponto de vista de criação, como, também, de precisão, quase fotográfica, com que fixa um importante período atravessado pela sociedade russa. É um livro, por assim dizer, servido por uma dupla face de criação. A vida que se projeta em potencial de "Guerra e Paz" flue dessas duas fontes: uma que é verdadeira, humana, criada por Deus, e outra elaborada pela imaginação e, cuja nota marcante consiste em não parecer menos real nem menos sugestiva que a primeira. Essa talvez seja a característica mais evidente desse monumental trabalho de escultura literária que Tolstói levantou na arte do romance. Essas duas fontes de vida se entrelaçam de forma tão complexa que se torna difícil estabelecer, com precisão geométrica, uma linha divisória para apontar onde uma termina e a outra começa. As duas se juntam, pelo menos na aparência, numa ímense cristalização histórica de fatos e de homens.

Tolstói parecia ter desenvolvido mais que qualquer outro escritor o senso plástico da criação. Os seus personagens se projetam das paisagens dessa obra com o mesmo relevo físico de qualquer pessoa que conhecemos na vida. Helena, em que o escritor consegue fixar os movimentos febris de um destino que se arroja para o drama, é um personagem cuja feição, cujos atos nos parecem familiares como se já o houvésemos visto na vida social e mundana que levamos. O valor de Helena é de uma significação universal. Como mulher e como tipo ela se consome numa vida de deslizes e de negação espontânea de si mesma. Helena é a condensação de temperamentos que Goethe chamaria de imediatos e ligeiros. Tolstói consegue realizar um tipo: a mulher absorvida pela frivolidade e superficialidade sociais sem força para resistir às abomináveis extensões consequentes de seus atos; vivendo uma vida que não é a sua porque não lhe satisfaz e não promete a felicidade almejada, mas é apenas uma constante de um temperamento dissimulado, de uma dissimulação que chega à patologia. Mas não é com o fim de criar um tipo apenas, que Helena se engendra nessa obra. Tolstói precisava de alguém para oferecer um maior relevo à figura do conde Pedro Bezucov. Helena serve. Pela existência de um é que o outro se justifica. Nesse contraste de caracteres é onde se exerce com notável grandeza os recursos da inteligência criadora do escritor e onde sentimos mais nitidamente as vibrações da sua sensibilidade. Com Pedro Bezucov Tolstói figura a existência, a vida na sua intimidade profunda com o espontâneo do ser e do sentir — Pedro é o homem tal qual se espelha na Natureza, dono dale mesmo e do seu destino. Helena é o preconceito, é a sociedade que verga e corrompe, que torna a personalidade vergastada pela astúcia e pelo ódio. O casamento de Pedro e de Helena assume, na ação de seu desfecho, a mesma ubiuidade dramática com que as forças vitais do indivíduo sucumbem, por impotência de reação, ao comportamento escravocrata de uma sociedade; é a vida que se prende ao convencional e ao impenso e se nega no mais humano de sua existência. A figura de Pedro, robusta, avantajada mesmo, de coração bom e de espírito expansivo, mesmo de olhos pensadores e ternos constitui uma oposição a de Helena — saciável, dissimulada, enervada, infiel, frívola, atraente só pelo que há de harmonioso na sua beleza. Mas eles são o próprio duplismo da Natureza: ambos têm que existir — um em função do outro. Sem Helena, Pedro Bezucov seria um desajustado em "Guerra e Paz". Não havia lugar para a vida livre de todos os obstáculos humanos que enfeitam de suor e de sangue o seu caminho.

Pedro é apenas uma realidade imediata que se processa no tempo e no espaço. Através dele Tolstói, sobretudo existencialista, pinta, levemente, o homem mais ou menos como ele havia de desenrolar a sua existência num mundo renovado e feliz. As oscilações do espírito de Pedro, o contraste que existe entre a sua vontade e o objetivismo marcante da vida mesma e do meio, é todo o caminho de indecisões, de avanços e recuos, de esperanças e de negações que o homem tem de percorrer até chegar à liberdade completa de si mesmo. O conde Bezucov se insinua tanto em nosso ânimo, desenha na nossa imaginação um índice tão grande de vida e de bondade que ficamos convencidos de já ter ouvido a sua voz, de termos olhado o seu "olhar terno" em algum lugar do qual não nos é possível lembrar agora. Porém não fica sómente aí a perfeição com que Tolstói parecia captar a vida para distribuí-la fundamente entre os personagens que criava. Ele vai mais longe. Não se contenta apenas em criá-los mas, tenta emprestar a esses personagens uma verossimilhança, por assim dizer histórica. O príncipe André Bolkonski visto através desse prisma, por exemplo, não é menos real, nem se afirma na vida com menor estabilidade humana que Alexandre I ou o general Kutuzov. André nos transmite a impressão de que ocorreu, também, com uma parcela de sua inteligência e de sua atividade

idade e tensão objetiva de pessoas vivas e soltas no mundo. Um dos personagens mais chocantes que encontramos é o velho príncipe Bolkonski, através de cuja psicologia, discortinamos a ação, a bem dizer nihilista, do sadismo paternal. Diante de suas particularidades de caráter extraordinário, um notável personagem é o frio Dolucov, homem cujo espírito se degrada ao contacto da paixão amorosa, negando-lhe a essência ética de um racionalismo humano. Em Pedro Bezucov, então temos a impressão nítida de vislumbrarmos o produto de todos os recursos que assistiam ao gênio criador do novelista russo. De Pedro, o escritor faz ao mesmo tempo uma vítima e um violento instrumento de combate. Vítima de sua própria formação—instrumento de luta devido ao choque de seu temperamento de homem espontâneo e as virtudes negativas do artificialismo social. Pedro é quase um só contra os valores de Ana Pavlovna que são as sociedades de São Petersburgo e de Moscou. Nesse personagem, em que demonstra haver se derramado mais do que fez com Levine em *Ana Karenina* e em *Neckhludav* em *Resurreição* acumulou uma enorme soma de vida. Não dá a Pedro uma finalidade única na obra, não o faz viver para o só sentimento do bem ou do mal mas parece soltá-lo na vida com a alegria de viver e de agir por si mesmo. As bruscas mudanças na vida e no destino de Pedro Bezucov e dos demais personagens de "Guerra e Paz", é a prova de que Tolstói se ausentava de qualquer ânimo preconcebido para poder criar. A morte do príncipe André, uma das cenas de maior intensidade lírica do romance, é o desfecho final e imprevisto de uma vida cortada no meio e da qual muito esperávamos ainda. O encontro de Anatólio e Natacha é uma verdadeira negação que a última faz do seu passado, comunicando a impressão de agir independentemente do auxílio do escritor que parece ficar à margem da ação—abandonando-a ao drama—contemplando apenas. Tudo isso nos sugere ausência de ânimo na criação. Essas oscilações de sentimentos, de idéias e de fatos, criticadas rudemente por Turgniev, são que emprestam o sabor humano aos personagens de Tolstói pois, estes parecem também formar, como homens de verdade, a personalidade ao contacto direto com a vida—experimentando como nós outros o encanto do gesto renovado. Os gestos, as ações e até mesmo os pensamentos parecem significar mais um passo para o destino e os personagens ficam como que abandonados a eles próprios e à vida seguindo o rumo do imprevisto e do acaso que às vezes o nega em relação ao seu temperamento e ao seu passado. Esse fato, talvez, seja a razão capital de Tolstói sugerir à nossa imaginação, uma noção de continuidade de seus protagonistas. E a capacidade de sugerir ao pensamento do leitor a noção de continuidade de seus personagens é que caracteriza o gênio criador dos grandes artistas do romance e do teatro. E o que Balzac falava quando aludia à criação de seres para integrá-los na atmosfera da vida socialmente vivida.



LEON TOLSTOI

para o destino da Rússia ameaçada por Bonaparte. Muita vez sentimos a sua presença numa decisão de Kutuzov e, faltou pouco para Tolstói inscrever num dos planos de combate daquele tempo, uma idéia pessoal, um plano mesmo desse personagem imaginário. E o segredo da grandeza de "Guerra e Paz" é, justamente, o de ajustar de forma tão perfeita as vidas oriundas do real e da pura imaginação.

Desde o início "Guerra e Paz" nos oferece uma caminhada em linha ascensional. E, de fato, o romance é toda uma ascensão de vidas e de experiências em mundos que jamais poderíamos imaginar pelos processos rotineiros da imaginação. Suponho que nenhum outro escritor pôde violentar e esclarecer, na geografia da personalidade humana, outras zonas de sentimentos e idéias, cuja força de sugestão e de drama seja semelhante a essa através da qual caminhamos levados por Tolstói. Nem mesmo Shakespeare e Balzac que Taine qualificava dos "dois maiores acervos de conhecimentos humanos" de todos os tempos, puderam penetrar e descobrir, no íntimo do homem, fontes de renovação psicológica animadas não pelas influências objetivas dos fatos exteriores mas pelo movimento introspectivo e surdo de um mundo interior e desconhecido. Porisso que os personagens de Tolstói parecem ter maior densidade que o próprio homem. Quase todos eles escarriam uma feição intensamente viva com a da realidade mesma. Um deles, Sônia, personagem aparentemente fútil, representa um conflito entre o sentido econômico do interesse conjugal e o puro amor. Sônia, uma vontade transviada, o romancista analisa uma vida que se compraz na sombra, sem ter forças para se firmar no destino. A princesa Maria — sabão da mulher cuja tragédia de castidade conduziu a extravasamentos religiosos—Anatólio Kuráguine, Natacha Rostova e o príncipe Vasíliev—símbolo da degenerescência e embrutecimento do homem da alta sociedade—todos se desdobram nas cenas de "Guerra e Paz" com uma elasti-

dade e tensão objetiva de pessoas vivas e soltas no mundo. Não encontramos agindo isoladamente as duas referidas faculdades; encontramos-as em conjunto, uma vindo sempre em socorro da outra, exercendo um sincronismo entre o senso estético da criação e as forças objetivas que as inspiravam. No romance de que falamos, mais do que nas outras obras, é onde vemos o perfeito jogo dessas faculdades. Outro romancista qualquer, devido à realidade exaustiva do objeto onde se inspirou, talvez, fosse levado a narrar, sem o mínimo colorido, os fatos ou, ao contrário, por força de querer transfigurar, esteticamente, essa realidade oferecesse um exemplo de transfiguração da própria verdade histórica, negando-a em favor de uma sublimação dos fenômenos. Muitas vezes quando o artista tem o deliberado objeto de intencionalizar a sua arte procurando adaptá-la ao serviço de uma convicção estritamente pessoal ou de um grande acontecimento, se inclina para uma falta de harmonia entre a espontaneidade de idealização e o tema preconcebido. Então não faz arte mas uma monótona exposição de suas idéias ou de um grande fato. O ideal de conjugar os interesses da história sem prescindir, contudo, dos verdadeiros recursos de criação artística é uma das dificuldades essenciais no romance político. Dificuldade que além de ser intrinsecamente superada sobre ser dirigida como virtude de força pelo gênio de Tolstói. Ninguém narrou com maior rigidez de detalhes, nem maiores sutilezas de estilo e de imaginação uma zona de transição pela qual atravessou a sociedade difícil e intrincada como era a sociedade russa daquele tempo. Desde o começo até o desfecho final não surpreendemos em "Guerra e Paz" sequer, algum sentido direto-mente problemático que lhe anime e empreste uma diretriz híbrida de jornalismo político, de romance ad hoc. Tolstói não se deixou empolgar pelo ódio ou pelo despeito. Sentimos apenas o seu sofrimento e o esforço que, intimamente, emprende para reabilitar a Rússia de sua desgraça histórica, sem contudo fugir ao bom senso. Isso porque a preocupação, angustiada, de ser fiel na maneira de retratar a realidade, tal qual ela se processou no tempo e no espaço, não permitiu que houvesse no seu pensamento a superação do espírito crítico pelas forças sentimentais de um patriotismo jacobino e imediato que oferecesse à sua obra um sentido de vida efêmera que a condenaria a morrer com o crepúsculo da época. Ausentou-se da qualidade de russo para poder criar, desenvolveu as suas faculdades de homem universal para poder criar, na perspectiva histórica do termo e, por essa razão ninguém surpreende em "Guerra e Paz" um sentido diretamente polemático que lhe anime e empreste uma diretriz de jornalismo político. Mesmo quando faz referências pouco lisonjeiras a Napoleão, a força dessas referências é tão vasta que assume uma íntima significação de conceito e não de simples invectiva particular. Se procurou negar a genialidade de Bonaparte, não o fez, absolutamente, pela razão dessa genialidade de ser atribuída a um homem que enxovou, em quanto pôde, a dignidade de seu país. Tolstói generalizou a sua negação—sua visão ultrapasou a pessoa do imperador dos franceses e pode ainda ser aplicada hoje e sempre. Segundo ele, não podia haver planos profundos de batalha, nem premeditação na maneira pela qual um exército há-de esmagar outro exército; "tudo depende do espírito das tropas, diz nos determinados momentos de combate", e, portanto, a genialidade e arte de guerra não existem dentro dos processos lógicos do raciocínio humano. Tudo é o acaso. Desse modo não procurou, apenas, visar Napoleão, visou também Kutuzov, Barclay de Toll e todos os generais vivos e mortos, de todas as línguas e de todos os tempos nos quais se procuravam descobrir qualidades geniais no modo de dirigir o comportamento das tropas no imediato das batalhas. Isso tudo é equaciona à evidência pelas provas e testemunhos históricos de que dispõe a experiência de sua cultura e a visão de seus conhecimentos práticos da matéria.

Os campos de batalha, a sensação viva da luta, o eco da artilharia, a tensão nervosa e indefinida que nessas horas obrigam o homem a esquecer o seu valor como individualidade para se integrar num corpo de exército, cuja abstração não é menos metafísica por ser constituído de milhares de homens, o eguismo negativo que domina, por inteiro, a mentalidade o que inspira um sentimento de descrédito quanto à morte, a força involuntária que impelle os soldados para frente, sempre para frente sem que esse impulso lhes garanta nada a não ser a morte ou o ferimento imprevisto, tudo isso desfila vivamente em nosso espírito quando olhamos as cenas de guerra nessa obra. E como se tivéssemos recuado no tempo para viver os momentos de sangue e de dor, das batalhas Austerlitz, Boródino ou de Smolensk. Mas entremeadas no trágico das batalhas exist-

(Continua na página 9)

"EMILIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA" para TEATRO
Vanildo Cavalcanti

Não fosse a necessidade imperiosa ante minha própria consciência, em prestar uma homenagem ao saudoso morto, não me abalaria a tornar público depois de oito anos, alguns trechos da "comédia gramatical". Foi o próprio Monteiro Lobato quem deu esta classificação ao trabalho que eu chamava "revista teatral", e fez de uma maneira tão especial que aceitei plenamente.

PRIMEIRO QUADRO DA REVISTA "EMILIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA"

CENÁRIO: — Ambiente de alpendre do sítio "Pica-pau Amarelo"; ao abrir-se o velário está em cena D. Benta, que sentada numa cadeira de balanço, lê qualquer coisa; logo em seguida, entra Emilia, que vem cantando:
EMILIA — (Cantando):
Eu sou a linda boneca.
Que todos chamam pimenta.
Mas eu tenho um lindo nome
Que gosto e muito me assenta.

quando eu disse que só iria e só deixaria ir com o seu consentimento. Fiz bem?
D. Benta — Fiz bem, Emilia. Assim é que você deve sempre fazer.
Narizinho — (Interrompendo) É história de Emilia, vovô. Ela está inventando os papéis. Foi ela quem inventou a aventura, e como não sabíamos como ir, recorremos ao Visconde, e este, depois de muito pensar descobriu um meio de locomocção. Quando Emilia ouviu o resultado quis logo partir, mesmo sem o seu consentimento. Foi quando nós protestamos e resolvemos pedir a sua autorização.
D. Benta — Mas nem Pedrinho nem o Visconde estão aqui?
Narizinho — É que estão tratando de aprontar o carro.
Emilia — (Amuada) Só quem tem boas ações são vocês. E dizem estar que ainda mostra para quanto valho.

Que é isso? Brincando de roda, logo de manhã, minha gente? E até o sr. Visconde metido nisso?
Visconde — É a alegria, tia Nastácia. Nós recebemos com sentimento para fzermos nossa viagem ao País da Gramática. Infelizmente a senhora não pode ir porque tem de ficar fazendo companhia a D. Benta.
Emilia — Mas pode ir fazer uns bolinhos para o nosso lanche.
Narizinho — É verdade, tia Nastácia. Os bolinhos são necessários. Vamos que eu vou lhe ajudar.
Todos — Vamos!
D. Benta — Vá, tia Nastácia, e trate bem os viajantes.
(Fim do I quadro)

do que umas são mais magras, outras mais gordas.
D. Gramática — Esta diferença é causada pelo trabalho. O nome de pessoa, geralmente é masculino e o nome de rios, montes, etc. (Passa Himalaia). Vejam como Himalaia é gordo ao passo que José é tão magrinho.
Emilia — E lá vem ele correndo, coitado. (Entra José muito apressado). Vem cá "seu Zé". (O nome aproxima-se) Cansadinho, hein?!
José — Nem me fale, menina. Eu vivo nesta vida de batizar constantemente os meninos que nascem e os pais me escolhem para designá-los. Eu e Maria vivemos morrendo de tanto correr. (Sôa o alto-falante):
"Alto-falante — Atenção! Atenção! O nome José está sendo chamado para batizar um menino em Olinda. (José saindo a correr) Lá vou eu! Aeus Meninos!"
Narizinho — Não vale a pena ser querido aqui neste país.
Emilia — E esses pobres coitados tão diferentes dos nomes próprios, D. Gramática?
D. Gramática — São os nomes comuns, Emilia. Eles servem como criados aos nomes próprios. Servem para designar as coisas por mais insignificantes que elas sejam. (Para Emilia) Qual será a coisa mais insignificante do mundo, Emilia?
Emilia — Cuspo de micróbio.

— ou — em r — s — x, são quase sempre masculinas e são terminadas em o — a — ção — sena — dade — feo, são quase sempre femininas.
Emilia — Estou roubada! Bandidos!!!
D. Gramática — Que foi, bonequinha?
Emilia — Estou roubada. Os homens tomaram dez terminações para eles e só deixaram seis para nós. A senhor porque consentiu nisso, D. Gramática? Eu protestei.
Narizinho — Deixa estar, Emilia. Quando nós fomos ditadores consentiremos tudo.
D. Gramática — Fora estas maluquices existem ainda os nomes epícticos, como onça, jacaré, creança, etc., que servem para os dois sexos, e outros ainda, como artista, que podem estar no masculino ou no feminino a quem os gramáticos chamam comum de dois.
Emilia — Sujeitos enjuados estes gramáticos.
D. Gramática — Quanto aos outros nomes é comum passar de um para o outro sem qualquer mudança da letra final, salvo os que preferem mudar por completo como pai por mãe.
Narizinho — Nunca vi tanta complicação. Só tia Nastácia quando explica.
D. Gramática — Mas, não fica aqui estas particularidades dos substantivos. Além dos gêneros e do sexo, que acabo de explicar, existe ainda o número. Só lá indica, por exemplo, cavalo, é um só, para explicar muitos, aumentamos um rabicho, o s e fica então, cavalos, isto é, muitos. Isto quanto a regra geral. As exceções...
Pedrinho — Pare, por favor, D. Gramática. Eu verificarei as exceções em casa.
D. Gramática — Como queira. (Entra o Visconde).
Visconde (Aparecendo correndo) — Até que afinal os encontramos.
Todos — Que aconteceu, Visconde. Que carreira é esta?
Emilia — (Tomando fôlego) — Estou envergonhadíssima. Imaginem que quando os procurei, perdi-me e fui dar no bairro das palavras obscenas. Que horror! Santo Deus. Vi por lá, soltas pela rua, esmulsinadas, sem a menor compostura, as palavras sujas de língua. Felizmente, encontrei-on para visar o perigo.
D. Gramática — Mas, sr. Visconde, eu não os levaria a tal bairro.
Emilia — Vocês sabugos são tão cheios de histórias como gente de carne e osso. Que culpa tem as pobrezinhas de existirem e serem consideradas feias por aquelas que se formaram? Vou lá, sim. Quero consolá-las e dar-lhes boas conselhos.
Narizinho — Não vai, não, Emilia. Inocentes ou culpadas, o melhor é deixá-las em paz. Vovô se lembrar ficará aborrecido. (Aparece o pai-lá, Panelão) Olhem, que palavra é aquela? Vem cá, oh palavra. (Panelão aproxima-se) Quem é você?
Panelão — Eu sou a palavra Panela aumentada, para designar uma panela grande. Se fosse para um panela pequena seria então panelinha.
D. Gramática — Isto é que

CENÁRIO DO III QUADRO

Um telão figurando outra rua. As casas desta, porém, são alinhadas e é grande o movimento de pessoas na mesma. Quando abre a cortina, entram Emilia, Pedrinho, Narizinho, que vem ouvindo a explicação de D. Gramática vem andando. Somente o Visconde não aparece.

Um alto-falante — Substantivo! Atenção! Muita Atenção! Estou em nosso bairro os meninos do sítio de D. Benta. A caravana do "Pica-pau Amarelo".
S. Paulo, 30-9-30.
Prezado Sr. Vanildo Cavalcanti:
Recebi sua carta de 14 de agosto, acompanhada da comédia gramatical. Achei muito interessante a idéia e a realização, e com a música que está a compor-se, é possível que a coisa fique uma peça capaz de interessar ao público — única medida que existe para a apreciação do valor das produções teatrais.
Sou o mais sussepto possível para julgar na sua totalidade esse trabalho, visto como estou muito ali dentro. Aos estranhos competem falar dele e dizer-lhe do mérito. Mas o amigo tem plena autorização minha para fazer da comédia o que quiser, editá-la ou representá-la. E muito prazer me terá saber que o fez e foi bem sucedido.
Agradeço pelas suas boas palavras de velha simpatia e com votos para que não pessa o trabalho que teve, subscrevo-me com toda a estima,
amigo e admirador,
Monteiro Lobato

Um telão figurando outra rua. As casas desta, porém, são alinhadas e é grande o movimento de pessoas na mesma. Quando abre a cortina, entram Emilia, Pedrinho, Narizinho, que vem ouvindo a explicação de D. Gramática vem andando. Somente o Visconde não aparece.
(Fim do I quadro)
CENÁRIO: — Ambiente de alpendre do sítio "Pica-pau Amarelo"; ao abrir-se o velário está em cena D. Benta, que sentada numa cadeira de balanço, lê qualquer coisa; logo em seguida, entra Emilia, que vem cantando:
EMILIA — (Cantando):
Eu sou a linda boneca.
Que todos chamam pimenta.
Mas eu tenho um lindo nome
Que gosto e muito me assenta.
Chamo-me Emilia
Sou muito querida,
E porque sou inteligente
Me taxam de enxada.
D. Benta — Silêncio, Emilia. Não vê que eu estou lendo e isto me perturba.
Emilia — Eu vinha tão preocupada com esta minha canção, d. Benta, que nem notei isto. É verdade, Pedrinho ainda não veio dar lição de Gramática?
D. Benta — Ainda não. Ele com certeza, está lendo os jornais.
Emilia — D. Benta como é ingênua!
D. Benta — O que pivete? Tem a gosadia de chamar-me ingênua?
Emilia — Chamo, sim. Então, a senhora não vê que esta demora de Pedrinho hoje, as hipóteses, é alguma coisa mais interessante, para ele, que os jornais da Vila? Mas o que é que a sra. está lendo?
D. Benta — Vamos, não mude o cenário da convers. O que é que você sabe a respeito da demora de Pedrinho para a lição de gramática?
Emilia — Nada, não senhora. Isto é, eu não quero dizer nada pra não passar por bisbilhotista. Mas, se é para salvar a minha responsabilidade, e como eles daqui há pouco estão aqui, aliás por minha causa, eu vou dizer. Eles planejam uma viagem... (Narizinho entra e fica escutando) e queriam ir logo. Mas foi

os Gramáticos chamam de gram.
Grau aumentativo, como em Fanelão, grau diminutivo, como em panelinha.
Emilia — Sei disto. Quando as palavras exprimem coisas grandes, latem, quando pequenas, choramingam.
Pedrinho — Que história é esta?
Emilia — Sim. Botar um não no fim de uma palavra é fazer a latir como os cachorros, lá, lá, lá, e botar um inho ou não no fim das palavras é fazer as choramingar, como criançola. Exemplo: bicho, se late, é bichão; se choraminga, é bichinho.
D. Gramática — Muito bem, bonequinha. Está mais ou menos certo. No entanto, existem palavras que aumentam sem latir ou diminuir...
Emilia — Bom, D. Gramática. Isto eu procuro saber em casa.
D. Gramática — Está bem. (Ouve-se gritaria e em seguida entram vários meninos que representam as interjeções. Eles vêm fazendo o "plano", acompanhando a instrumentação de uma marcha frêvo que depois devem cantar).
Narizinho — Que é isto?
D. Gramática — São os anarquistas.
Emilia (Gritando) — É meu povo.
Interjeção (Cantado):
Eis a "macacada", a turma gozada, que forma a charada Da interjeção!
Eles vêm gritando, gozando, dançando, chorando, apoiando Por este mundão.

Eis a "macacada", a turma gozada, que forma a charada Da interjeção!
Eles vêm gritando, gozando, dançando, chorando, apoiando Por este mundão.
Estou mais contente agora. Pois Emilia faz o que eu faço. Ela é a linda boneca. Gosta do frêvo e do passo.
(Terminado o canto, há palmas e vivas)
Emilia (Parando de dançar e cantar) Bonito, meu povo! Isto é que é vida.
Emilia — (Para a palavra Cáspite, representada por uma velhinha trazendo o dístico com a palavra que representa, como todas as outras que já apareceram ou aparecerem depois). Cospo o que velha?
Cáspite — Que cospe que nada, menina. Isto significa admissão. Cáspite! é uma interjeção antiga. Antigamente quando alguém se admirava, dizia Cáspite! — Entendeu?
Emilia — Tá bem, deixa. Vai baixar no Visconde que tem mania de ser reumatismo. (Durante este diálogo, entre Emilia e Cáspite, os outros de cena simulam conversar).
D. Gramática — Bem; agora, vamos a outros lugares onde de vocês terão muito que ver.
Emilia — Vamos entrar as interjeções?
Visconde — Elas tem o que fazer, senhora Emilia.
Emilia — Não vejo o seu erro onde não é chamado, grita.
D. Gramática (Conciliadora) — Mas bonequinha, nós não podemos levá-lo.
Emilia — Está certo, está certo. (Para as interjeções) Adeus, meu povo.
Todos — Adeus.
(Cortina — Fim do III quadro)

7. SALÃO DE PINTURA

O salão de 48 foi, inconstatavelmente, o mais animado e, pode-se dizer, o mais representativo de quanto já se realizou no Recife. Ele se abriu sob a configuração de um centro cultural de importância tão grande que, dentro em pouco, não terá inveja do Rio ou de S. Paulo. Não há exagero ao dizer que este salão de exposição trouxe ao Recife uma verdadeira revolução. Sendo de notar, ainda, que alguns pintores da terra não compareceram ao sétimo salão.

Entre os oitenta quadros expostos, havia trabalhos medíocres; mas, havia também bons e até ótimos trabalhos. Obteve-se, portanto, o prêmio de melhor pintura, pertencendo ao sr. Francisco Brennand, Murilo La Greca e a sra. Fédora do Régio Monteiro Fernandes. Além disto, é Comissão Reputado trabalhos de grande mérito quadros dos srns. Augusto Rinaldo Alves, Francisco Brennand, Murilo La Greca e Lula Cardoso Aires que figuram extra-concurso.

O Depoimento de Winston Churchill

ABELARDO JUREMA

Podê-se combater Winston Churchill como um homem da paz, mas nunca como um homem da guerra. Os seus princípios, a sua formação cultural e política e o seu entranhado britanicismo não devem ser equacionados às suas excepcionais qualidades de combatente de primeira linha. O mundo é testemunha de sua luta e nenhum plebiscito lhe seria desfavorável, nem mesmo na Rússia Soviética onde até Stalin daria o seu voto a favor de Winston Churchill. Ninguém pode esquecer a figura do Churchill Lord do Almirantado na guerra de 1914, e com maiores razões na última em que Churchill galvanizou uma resistência que afinal trouxe a vitória sobre o sistema totalitário. Evidentemente não se pode enquadrar um Churchill nas teclas já muito batidas de "reacionário" ou "revolucionário". Nada disso. Trata-se de uma figura diferente que foge da rotina. De uma figura estranhíssima na sua predestinação a servir, nos momentos culminantes, à sua Pátria e ao mundo. Não há nele nada de "revolucionário" dentro da conceitualização ideológica dogmática, mas ninguém como ele contribuiu tanto para a alteração do curso da história, influndo nos destinos humanos com a força de um gênio. Há muito de "reacionário" em suas atitudes coerentemente assumidas no sentido da preservação da tradição imperial britânica que não lhe cabia de modo nenhum anular ou aniquilar, sobretudo porque, se nas suas mãos andou por muito tempo o futuro da humanidade classificada como democrática, não seria com essas mesmas mãos que iria colaborar no desbaratamento do Império que ajudou a construir, a defender e a salvar. Não há assim contradição em Churchill. Se ele é cidadão do mundo, nunca esqueceu as suas características fundamentais de cidadão britânico, de soldado e súdito de S. Majestade Britânica. Daí a sua preocupação de salvar o mundo de Hitler, sem abalar a estrutura do Império. Não interessava a Churchill uma vitória de Pirro para a Inglaterra, com um mundo engalanado para festejar a liberdade e o seu Império curvado no muro das lamentações, se bem que coberto de glórias mas despojado dos principais pontos de apoio que ficou, durante séculos, em todos os mares e em todos os continentes. Desejava Churchill, sem dúvida, um mundo sem ditadores, mas nunca sem Reis. Um mundo sem tiranos, mas nunca sem Imperadores. Um mundo livre, mas nunca sem senhores e colônias. Um mundo não muito igual aos de seu antepassado porém não tão diferente em que não fosse possível conservar tal qual era, a Inglaterra de ontem ou a de hoje, como também a de amanhã. Já no diário de Elliot Roosevelt — Como meu pai os via — está bem claro o pensamento íntimo de Winston Churchill através das opiniões confidenciais de Franklin Roosevelt: dar tudo para a vitória contra Hitler e muito mais ainda pela sobrevivência do Império britânico. Ninguém mais coerente, ninguém mais franco, ninguém mais inglês. Exigir-se de Winston Churchill, atitudes diferentes, seria acreditar-se na possibilidade de um homem de tamanha força moral, capacidade de luta e singular personalidade, negar-se a si mesmo, ao seu passado, a sua formação, ao seu próprio caráter. Churchill é o que é e jamais o que se poderia querer que ele fosse. Sim, porque é um Churchill e não um Stalin. Porque é antes de tudo um soldado da Inglaterra e não de correntes filológicas ou doutrinárias. Não se trata, evidentemente, de um militante de Stalin nem de um simpatizante de Tito, de um "avancado" à moda socialista nem de um marianista puro trata-se sim de um "tory" legítimo, cada vez

mais inglês, cada vez mais britânico, cada vez mais "conservadorista" no sentido particularista da Inglaterra. Assim, como não se pode separar o Winston Churchill do mundo, do Winston Churchill das ilhas britânicas, "A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL" que ele está escrevendo e que, simultaneamente, graças ao espírito de iniciativa da Editora Nacional, lêem os que falam a língua inglesa e os que se entendem em português, à medida que os volumes vão sendo concluídos, devia ter outro título que se ajustaria melhor ao seu autor: Depoimento de Winston Churchill. Um depoimento, porque ele não está escrevendo história, de vez que ele mesmo a fez e ele próprio é um dos personagens principais. Churchill confessa no prefácio que "não pretende ter escrito a História, pois ela pertence à outra geração", acrescentando "ter apresentado contribuição efetiva ao trabalho de futuros pesquisadores".

E se a história é o julgamento das ações humanas em função de povos e nações, então não seria possível a Churchill ser réu e juiz ao mesmo tempo, como não seria exequível que fosse ator e público. No teatro da guerra ele é um personagem de primeiro plano e o seu depoimento vale principalmente porque não é o de uma testemunha passiva, mas de um participante dos mais ativos que viveu como nenhum outro os acontecimentos que agora tenta fixar em páginas que são lidas com sofrimento, justamente por nós outros que sentimos as emoções da luta e ainda temos agitado o espírito, fortes imagens das fases boas e más da trajetória. Se Winston Churchill teve como preciosa ajuda à prestação desse seu dia a dia sob o influxo dos eventos", nós leitores temos a ajudar a nossa compreensão dessas páginas coloridas ao vivo, emoções que ainda não esfriaram com o tempo. Conservamos a memória bem fresca quanto ao que Winston Churchill expõe numa sequência que nos leva a uma recapitulação desde os primeiros redemoinhos que afogaram países, continentes e instituições, no maior sacrifício que uma causa já exigiu dos homens, no curso das civilizações. E por essa reconstituição que não se perde em detalhes inúteis mas se detém em fatos aparentemente sem importância e logo situados no seu devido lugar e entre as influências que determinaram, os erros se acumulam numa sucessão alarmante, proporcionando elementos contundentes para o julgamento, já de agora, dos criminosos que deixaram de ir a Nuremberg ou dos que foram esmagados pela própria história que não soberaram, não puderam ou não quiseram prever, evitar ou anular. Não faltaram os ingênuos, os negligentes, os aproveitadores, os errados, os incapazes e os ambiciosos, todos eles tão culpados como os que perderam a cabeça em Nuremberg, pelas consequências de suas atitudes que ainda aí espanta bem à vista de todos. Churchill não os denuncia, mas eles brotam do seu depoimento, em páginas sem ódio mas de dura franqueza, em capítulos sucessivos que fazem corar de vergonha a todos que vinham sentido tudo isso, amargando a pior das situações que é a dos que presentem a trajetória sem quaisquer elementos para interferência oportuna e preventiva. Os discursos, as cartas, os manifestos, os artigos, todos os dramáticos apelos de Churchill para uma melhor compreensão dos problemas criados pela paz em 1919, ficaram nos arquivos, enquanto, nas sombras começaram a agir os artifices de uma nova guerra. De 1919 a 1929, de 1922 a 1931, de 1931 a 1935 e de 1935 a 1939, ninguém se entendeu bem entre

Washington e Londres, Londres e Paris, Paris e Moscou, sem falar nos pequenos centros como Varsóvia, Praga, Bucarest, Belgrado, Bruxelas, Haia, Oslo, Stocolmo, Viena, Atenas e Sofia, que se deixaram vencer pela intriga e pela propaganda nazista. E, entre Berlim, Roma e Tóquio a conversa ia se animando, harmonizando-se ambigües de mando, de poder. Bem disse Winston Churchill: "a milícia das vis foi estimulada pela fraqueza dos virtuosos". Esse estímulo continuou até que de novo falaram os canhões como um último apelo às consciências de Washington, Londres, Paris e mais tarde Moscou, que se haviam deixado ticar na contemplação dos louros da vitória conquistada em 1919 e que quase lhes sai das mãos entre 1940-1943, quando o mundo sofreu profundamente ante o desastre que parecia inevitável.

Dói-nos saber por Winston Churchill que nas vésperas do estrangulamento da Checoslováquia, um forte grupo de generais do exército alemão, profundamente impressionados com a debilidade militar da Alemanha, com a preocupação de evitar um fracasso julgado certo, movimentou-se para depor Hitler, contando com os melhores trunfos, inclusive o Chefe de Polícia de Berlim, general Halder. Nas vésperas desse golpe que teria poupado milhões de vidas, Chamberlain viajou para Berchtesgaden onde fez novas concessões a Hitler que assim se fortalecia perante os seus generais que logo começaram a acreditar que, realmente, estavam sendo dirigidos por um iluminado... Era a "fraqueza dos virtuosos" estimulando a "malícia dos vis"! E o que surpreende é a sua continuidade, como por exemplo no caso da Holanda e da Bélgica, cujos governos chegaram até mesmo a aprender documentos secretos do Estado Maior Alemão nos quais estava prevista, minuciosamente, toda a marcha dos seus exércitos sobre aqueles países, rumo a França, sem que com isso modificassem o desejo de se manterem neutros na mais rígida expressão da palavra, evitando os seus representantes até contactos com os governos francês e inglês para o estudo em conjunto de uma defesa eficaz. As tropas alemãs esmigalhavam as fortificações da Holanda e da Bélgica e os seus governos ainda tinham a impressão de que era possível aos seus países sobreviverem como neutros... Com a Polónia aconteceu ainda pior. Ajudou a Alemanha no estrangulamento da Checoslováquia, com a impressão de que se salvaria de Hitler que já estava de olho no corredor polonês. Quando compreendeu a situação, já não havia mais possibilidade de escapar à onda de sangue e de terror. Até a Rússia, com a sua decantada política objetivista, pensou dar tempo ao tempo, cruzando os braços quando Hitler avançava sobre a França e procurava tragar a Inglaterra com a sua força aérea, sem compreender que a Alemanha nunca resistiria a uma guerra em duas frentes. Mais tarde era o próprio Stalin que apelava para os aliados no sentido da abertura de uma segunda frente, quando milhões de homens já tinham tombado nas estepes geladas. Mas não erraram os, é o próprio Churchill que diz: "Quando nos recordamos do alheamento dos Estados Unidos; da campanha de Mr. Ramsay MacDonald para o desarmamento da França, das repetidas censuras e humilhações que tínhamos recebido, por ocasião das várias transgressões alemãs das Cláusulas de Desarmamento do Tratado de Versalhes, da nossa submissão à violação alemã da Renânia; da nossa aquiescência quanto à obsção da Áustria pelas alemãs; do nosso Pacto de Munich e da nossa aceitação da ocupação alemã de Praga

— quando nos recordamos de tudo isto, nenhum homem, na Inglaterra ou na França, que, naqueles dias, foi responsável pela ação pública, tem o direito de censurar a Bélgica. Num período de vacilação a de apaziguamento, os belgas se apearam à neutralidade, e inutilmente se confortaram a si mesmos com a crença de que poderiam deter os invasores alemães nas suas fronteiras fortificadas, até que os exércitos britânicos e francêss corresse em seu auxilio".

E como eram líricos os franceses em plena realidade da guerra! Com a Polónia abatida numa das caçadas mais cruéis já empreendidas por Hitler, o governo francês recusava uma proposta do governo inglês de lançar minas magnéticas no Reno, para que não ficassem os alemães irritados e emprendessem assim represálias pesadas sobre cidades francesas. Com essa política de "estar na chuva sem se molhar", a França viria experimentar desfechos muito mais sérios e angustiosos muito mais profundos do que as vividas pelos ingleses de Coventry, onde nada ficou de pé após a passagem dos bombardeiros de Goering. Os seus poucos sobreviventes sabiam, entretanto, que o Império ainda matinha no alto dos mastros a sua bandeira, enquanto os franceses choravam os seus mortos e a morte da própria República reduzida a uma enferma incurável nas estações d'água de Vichi.

Na Noruega a coisa cantava pelo mesmo tom de fé nas regras clássicas da guerra. Até o Rei Haakon esbofou-se numa corrida pelas montanhas e florestas norueguesas, perseguido como um cão por aviões e tanques alemães, preocupava-se os seus homens públicos em protestar contra a violação de suas águas por navios ingleses vigilantes contra uma sortida de submarinos ou corários de Hitler à navegação mercante que alimentava as ilhas para uma luta sem tréguas aos ditadores.

Tudo acontecia como previa o poeta de que Churchill lança mão ao pintar os quadros das derrotas que se multiplicavam nos primeiros anos de guerra — "Aquêle que não fizer nada quando pode, nada terá quando quiser".

Nesse primeiro volume do depoimento de Winston Churchill e que se subordina ao subtítulo "A tempestade se aproxima", ficou bem à mostra o que se propunha o autor a realizar — "De como os povos de língua inglesa pelo seu descaído, imprevidência e boa fé, permitiram que os vis se rearmassem". No próximo, deverão vir os capítulos da resistência. Daquela luta tremenda em que Churchill tanto se avultava e se agiganta. Estava ele bem preparado para ela. As suas palavras de conclusão da última página desse volume de seu depoimento, sobre a primeira noite que dormira como Primeiro Ministro do Império Britânico, dizem tudo do que seria capaz de fazer — "As minhas advertências, durante os últimos seis anos, haviam sido tão numerosas, tão detalhadas, e estavam, agora, tão terrivelmente vingadas, que ninguém me poderia levar a palma. Eu também não podia ser censurado nem por ter feito a guerra, nem pela falta de preparação para ela. Pensei que sobresse muita coisa a respeito disso tudo, e senti-me certo de que não fracassaria. Portanto, embora impaciente, à espera da manhã, dormi profundamente, e não tive necessidade de sonhos jubilosos. Os fatos são melhores do que os sonhos".

E Winston Churchill não mentiu nem foi fanfarrão. Cumpriu o que disse e fez mais do que prometera. Criticou para construir e construiu o que ninguém poderá destruir — um mundo capaz de resistir, de lutar e de vencer todas as tiranias.

ESTENDE-SE O "SENAC" AO INTERIOR DO ESTADO

A prática dessa iniciativa tem proporcionado a continuação dos estudos daqueles que, por motivos de ordem econômica, não poderiam chegar à conclusão do seu curso superior sem essa oportunidade, além de concorrer para o melhoramento do nível intelectual de nossas Faculdades, despertando nos alunos o gosto pelo estudo, desenvolvendo neles o espírito de competição honesta e fecunda. Desse maneira, graças ao SENAC 39 estudantes comerciais frequentam os Cursos das Escolas Técnicas de Comércio, sem nenhum ônus para sua economia.

OS CLUBES "LÍTERO-ESPORTIVOS"

Como a instrução não deve ser a finalidade exclusiva de suas atividades assistenciais, o SENAC organizou também em todas as suas escolas centros litero-esportivos, orientados pelas diretoras e professoras, que proporcionam aos comerciantes

escolares, o complemento de sua educação moral e cívica. Nesses centros, que receberam o patrocínio de comerciantes ilustres, os comerciantes cultivam as datas nacionais, os vultos da história pátria e aprendem o exemplo daqueles brasileiros que se distinguiram no comércio, como o visconde de Mauá, patrono de um desses clubes.

Outra finalidade encerra o estatuto dos clubes: os jogos esportivos, que dão agilidade ao corpo e desembaraço às faculdades intelectuais, desenvolvendo também nos alunos o raciocínio, a iniciativa e o espírito de sociabilidade.

NOVAS ESCOLAS DO SENAC

Começando suas atividades nas capitais, no Recife, João Pessoa e Natal, o Conselho Regional iniciou, agora, sua marcha para o interior dos Estados, onde as populações comerciais são mais densas e ne-

cessitadas de sua assistência.

Depois de um demorado estudo das condições do comércio de algumas das principais cidades de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, o Conselho Regional do SENAC deliberou fundar escolas em Campina Grande, Garanhuns, Caruarú e Palmares.

São quatro cidades que por todos os motivos, estavam necessitando desse benefício para seus comerciantes, escolha acertada, pois logo de início, as matrículas, que atingiram a um total de 350 alunos comerciais, comprovam muito bem o tanto administrativo que o Conselho demonstrou em sua escolha.

Instaladas as escolas em ato solene, destacando-se a presença das principais autoridades das pessoas mais representativas daqueles municípios, o SENAC deu por iniciado o primeiro período de suas atividades letivas.

Em futuro próximo, de acor-

do com as possibilidades financeiras da Administração Regional, outras escolas serão fundadas, dobrando assim a capacidade assistencial do SENAC, que reverterá em benefício exclusivo dos comerciantes o tributo com que os comerciantes colaboram na educação daqueles que os ajudam na sua prosperidade e no engrandecimento da Pátria.

★

TEATRO DO ESTUDANTE DE PERNAMBUCO

A BARRACA

O Teatro do Estudante, sob o patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura, apresentou gratuitamente no dia 18 do corrente, às 20 horas, no Parque de Ipanema, a sua barraca de espetáculos para teatro ambulante, em homenagem ao poeta Garcia Lorca, constando o programa do seguinte: lançamento da barraca pelo escritor Pacheco Carlos Magno que aqui fim; distribuição dos prêmios chegou especialmente para este

aos classificados no Concurso de Peças promovido pelo Teatro do Estudante; representação da peça para bonecos de José Moraes Filho, "Haja pau", baseada em lendas nordestinas, com música de Capiba; poemas de Lorca musicados por Capiba e cantados por Ans Canen; execução ao piano de músicas de Falla por Raquel Canen; poemas de Lorca declamados por Maria Teresa; representação da peça em 1 ato de Ariano Suassuna, "Cantam as harpas de São", com a seguinte distribuição: Anunciador — Edson Nery da Fonseca; Maria — Ana Canen; Pai — Luiz Espíndola; Capitão — José Guimarães Sobrinho; Antônio — Genivaldo Wanderley. Direção de Hermilo Borba Filho; cenário e figurinos de Aluisio Magalhães; efeitos de luz de Salustiano Gomes Lins; ponto, José Laurélio de Melo.

A barraca — baseada em um projeto do arquiteto Hélio Fajó, foi construída pela Base Naval do Recife. Na segunda-feira, 20 do corrente, o escritor Paschoal Carlos Magno foi submeteido a uma sabatina sobre assuntos de teatro, na Casa do Estudante, tendo sido muito movimentada.

Novas Escolas em Campina Grande, Garanhuns, Caruarú e Palmares — 1.722 alunos matriculados. Grêmios litero-esportivos nas escolas. — Instrução e material escolar gratuitos.

DO REGIONALISMO PAPA-GERIMUM

OSWALDO LAMARTINE

II

Resalta, no registro do sôciário nordestino, os nomes de Leonardo Mota (1), Pereira da Costa (2), Rodrigues de Carvalho (3), Luiz da Câmara Cascudo (4) e Sabino de Campos (5).

Apresento aqui um registro feito na taba dos papa-gerimums:

— Desgraça só que começa. Leonardo Mota, (Cantadores, p. 95) colheu de Azulão:

Desgraça pouco é tiquim. Home sem barba é caçote. Barbado é bôca de mim (mílnha).

— Desgraça de cavalo é se imprimá a padre e soldado.

— Desgraça de farinha é mel em casa.

Idêntico registro de Pereira da Costa. Na imprensa paulista Leonardo Mota publicou: "delixemos de mel que é instrução de farinha".

— Desgraça de boi é gordura. Em Cantadores, p. 157, L. Mota anota: "Lá prá boi magro e doente, urubú já tem mercado".

— Desgraça do sertanejo é sêca, volante (fôrça policial) e questô.

Na imprensa L. Mota escreveu: "Desgraça do pote é caminho de riacho e de dez tôas (15000 ra.) é se trocar".

— Mule de papo de fôça é piú que cascavé assanhada e de regeito grosso é preguiçosa.

Mulher de bigode nem o Diabo pode. Mulher de cabelo na venta nem o Diabo aguenta (L. Mota).

— Muié branca (álva) tem as virilha assada.

Regista Leonardo Mota: "Cavalo de cara branca Homem por nome Mesias Mulher dos quartos de gis. E pote que não caíra. Cofadinho deles quatro. Credo em cruz, Ave Maria".

— A desgraça do home é esmorecé, deixá a muié, ir morá na esquina e ficá ouvindo os recado dos vizinhos.

Leonardo Mota (Cantadores, p. 98) de Azulão:

"Tôda desgraça do home E' falá fino e esmorecé, Largá a muié, morá perto Prá todo o dia ela vê".

— Boca de pobre não se rasga.

— Cavalo grande, besta de pau.

— Home pequeno só serve prá dá peido em sanha, instentá carga e carregá recado de rapariga.

Leonardo Mota (dos jornais) gnota: "Home pequeno só serve prá montar em carneiro e catá carrapato em barriga de jegue".

— O pedaço que um home grande passa do outro, é pôde (pôdre).

— Besta qui só os cavalo de idalina.

— Nêgo talôca (de pixain vermelho) é traiçoeiro.

Luiz da Câmara Cascudo, ob. cit., reúne cerca de trinta adágios pró e contra os negros. No adágário em defesa do negro, destaca-se:

"Pinico também é branco" e "Papel é branco e limpa-se todo com êle".

Rodrigues de Carvalho, ob. cit., colheu de Indício (pág. 180):

"Inácio de Catingueira. E' negro muito dengoso; Pimenta do reino é preta

Mas faz o comê gostoso".

— Das pancada qui se dá em cobra ruim só se perde as qui sobe.

— Pau em pé e muié deitada agumentam todo pézo.

— Pau qui nasce torto é torto até na cinza.

Quem nasce torto, morre envergado (L. Mota — No tempo de Lampeão).

— O home é pro qui nasceu e pro qui foi criado.

— Gente besta e pau torto (ou pau de porteira), em todo canto se acha.

— O risco qui corre o pau, corre o machado.

— Só sei se você presta depois de comê um alqueire de sal contigo (em tempêro) ou: só sei se você presta si botá seus ôcos dentro dos meu (fitar, ençarar).

— Há três coisa perdida no mundo: chuva no má, água qui lavá nêgo e luz em casa de cêgo.

— Bicho qui miça prá traz, impurra o dono prá diante (animal fêmea é o que se reproduz

ou: Se pôe o sol prá quem vende fêmea e começa a nasce prá quem compra.

— Dinheiro macho (guardado, parado) só aumenta o zinhavre.

— Abandonado qui nem terra de viúva.

— Quatro dedo de cadeira (bacia), um palmo de madeira...

— Negócio de pau com farinha. Idêntico registro de L. Mota.

— Quem vive de promessa é santo. Idem, idem.

— Quem tem fio (filho) barbado é camarão. Idem, idem.

— Quem mora em beira de estrada não come sosinho. Idem, Sabino Campos.

— Quem balança barbado é maleta.

— Quando Deus tira os dente, aumenta a gula.

— Bocado mal mastigado E' custoso de engull". (L. Mota, Cantadores, p. 178).

— Quem marcha prá conversa é mãe de moça.

Idêntico registro de L. Mota e Sabino de Campos que acrescenta: quem marcha prá cochicho é rosário e prá fuchicho, é agulha.

— Quem pariu Matens que balance. Idem, Luiz da Câmara Cascudo.

— Quem luta com mel e não se melá, é abêlia (abelha).

— Quem atrá com poeira aléia não toma chegada.

— Poivara pouca, chumbo até a bôca (L. Mota — No Tempo de Lampeão).

— Quem tem medo de cara feia não val a matança e num mora com sogra. (L. Mota, idem, idem: cara feia, é fome).

— Quem bota negoço prá diante é propaganda e viúva rica.

— Quem bota pobre prá diante é topada (L. Mota).

— Quem espera por tempo ruim é sertanejo e feijão em silo.

— Quem com porcos se mistura, farolos vem a comer.

— Leonardo Mota (Cantadores, p. 222) de Anselmo:

— Quem se mistura com porcos farelo vem a comê".

e Rodrigues de Carvalho: "Minha mãe bem me dizia E agora atabei de crer; Quem com porcos se mistura Farelos vem a comer".

— Quem gosta de cara é be-xiga.

— Quem tem pé é quem dá coice.

— Deus te dê q que deu ao bode: barba, chifre e bigode.

Viva quem tem bigode; quem tem cavanhaque é bode (L. Mota — No tempo de Lampeão).

— Quem corre, tropica.

"Cantadores" — L. Mota, p. 274: "quem se vexa come crú".

— Quem ca... isquiplanilha é cavalo.

— C. de bêbo não tem dono.

— Carreira de velho é chôto.

De Rodrigues de Carvalho: "Do Recife prá Goiana Os vales já se acabou Carreira de velho é chôto. Negro cresceu, apanhou".

— Côco velho é que dá azeite.

— Velho só serve prá botá

abênção, dá conselhos e faz "meu tempo".

— Desgraça de velho é a segunda cassela (2.º matrimônio) reumatismo. Em "Cantadores", p. 332, L. Mota registra: Desgraça de velho é três "Q": queda, qstarro e, falando com pouco ensino, com licença da palavra, — qaganeira.

— Desceira de amarelo é franga, maleta ou dormi no pé do pote.

— Cavalo amarrado também come.

— Cavalo e muié, pela raça.

— Cavalo velho, capim novo.

— Cavalo corredô, cabresto curto.

— Por onde passa o boi, passa o vaqueiro.

— Cabrito na terra aléia pia no chão devagá.

Regista L. Mota (Cantadores, p. 153):

— Quem anda na terra aléia Piza no chão devagá...

— Cajú maduro em beira de cêrca ou é azedo ou tem maribundo.

— A gente vê carrapato em tosse...

— Dos leilão das igrejas o santo só vê os gritos.

— Praga de urubú magro não mata cavalo gordo.

— F... não namora com sapo porque não sabe quô lê o macho.

— A formiga sabe a roça que certa.

L. Mota — Cantadores, p. 326, boi sabe a cêrca que fura.

— Falá é fôlego e cag. é surtancia.

Cantadores, p. 21 (L. Mota): "Vigie que falá é fôrpo Obrá precisa sustança..."

— Quando se vendê esturmo e... de potro se ca.

"No dia em que merda valer dinheiro, pobre deixa de dar de corpo.

(Leonardo Mota). Em "Suor", (Jorge Amado) há: quando merda der dinheiro e... de pobre aperta.

— Uns gostam dos olhos, outros da ramela. L. Mota (No Tempo de Lampeão): uma gostam do sarre de pito, e outros do morrão de candieiro.

— Quem que subi que faç escada; Quem que muito, test de casa; Quem que se grande que nasce em beira de lagôa que é lagô fresco; ou... nasce, vicoso.

Há no município de Jardim do Seridó, neste Estado, uma família, conhecida por "anões" cuja estatura média excede de um metro e oitenta, havendo rapazes que ultrapassam dois metros. O chefe dâsses super-homens, sr. Godofredo, é de estatura elevada e corpulento.

Na apuração de uma das urnas, nas últimas eleições, aberta uma sobrecarta, um eleitor anônimo havia "votado": QUEM QUIZE SE GRANDE QUE BOTE A MAE COM GODOFREDO.

1-CANTADORES — ed. A. J. Castro, Rio, 1931

1-NO TEMPO DE LAMPEÃO — Of. Ind. Gráfica — Rio, 1930.

2-Rev. Inst. Hist. Arq. e Geográfico de Pernambuco, n. 159-162 v. XXXIV.

3-CANÇÕNEIROS DO NORTE — ed. Liv. S. Paulo, Parahyba, 1928.

4-VAQUEIROS E CANTADORES — ed. Globo, Porto Alegre, 1939.

5-CATIMBO — ed. Zélio V. verde — Rio, 1946.



1-CANTADORES — ed. A. J. Castro, Rio, 1931

1-NO TEMPO DE LAMPEÃO — Of. Ind. Gráfica — Rio, 1930.

2-Rev. Inst. Hist. Arq. e Geográfico de Pernambuco, n. 159-162 v. XXXIV.

3-CANÇÕNEIROS DO NORTE — ed. Liv. S. Paulo, Parahyba, 1928.

4-VAQUEIROS E CANTADORES — ed. Globo, Porto Alegre, 1939.

5-CATIMBO — ed. Zélio V. verde — Rio, 1946.

Notícia Sobre Um Escritor Comum

LAURENIO LIMA

"I might as well face the fact that I never have written anything and never will write anything that will live after me".

—Alexander Woolcott

Não temos lido ou ouvido falar de Alexander Woolcott com aquela natural insistência que estamos acostumados a encontrar quando se trata de um homem da sua qualidade, e todavia nenhum escritor nos Estados Unidos, nos últimos cinquenta anos, conseguiu levantar em torno de si tão grande alarido e tão contraditórias opiniões em assuntos ligados à sua obra e sobretudo à sua vida. É que Alexander Woolcott era um revolucionário metido dentro do seu íntimo mundo burguês, desejando harmonizar os dois sentimentos dentro da sua personalidade: a grande sempre quando pretendia escrever—no fundo um homem de contradições. Era aquele que amava o espetáculo, a manchete do jornal e a maledicência do leitor, mas às vezes abandonava a sociedade e escondia-se por algum tempo de todos. Vivendo em New York, criando a sua glória nessa cidade, onde é difícil chegar-se à glória, afirmava constantemente "contra New York tenho uma fobia desde a primeira vez que a vi".

Uma das maiores forças líricas dentre os modernos escritores americanos tinha vergonha de confessar essa "fragrosa" e divertia-se em aborrecer os seus leitores e ouvintes, demonstrando um desprezo absoluto por tudo que pudesse parecer uma concessão ao espírito acomodado daqueles, inclusive os amigos, que o consideravam um grande artista. Com essa atitude, conseguiu brigar com todo mundo e no dia da sua morte contavam-se por milhões os inimigos que não perdovavam nem ao menos a memória do homem desaparecido.

Alexander Woolcott era um homem do teatro, não apenas o homem que escreve peças e vê-las representadas mas aquele que vive em função do teatro às vezes como autor mas sobretudo como ator e nos mais simples e mais graves momentos da sua vida representava. Ainda com quatro anos, sobre ao palco, com um conjunto de amadores para conservar durante toda vida essa paixão pela cena, apesar do seu físico enorme não lhe permitir senão a possibilidade de um espetáculo cômico. Por isso mesmo estuda e escreve sobre o teatro e inaugura em New York, o que significa em todos os Estados Unidos, a crítica artística independente da propaganda exigida pelos produtores que asseguravam aos jornais vasta e bem paga publicidade. E esta sua atitude valeu uma tremenda luta entre produtores e jornalistas de New York da qual saiu vencedora a crítica teatral.

A sua qualidade principal era a coragem; coragem de escrever o que diz, coragem de representar na vida papéis nem sempre levados a sério. Para Woolcott o que importava era o artista, o trágico ou o cômico, que é um



Alexander Woolcott

trágico em potencial. E ele tinha essa grande imagem de ser ridículo. Dele poder-se-ia dizer o que diz de um clown: "Surely there should be dancing in the street when a great clown comes to town and this man is a great clown".

Era essa coragem que o fazia quando rapaz na universidade de Hamilton enfrentar com palavras atrevidas que não lhe respondiam com as mesmas armas, mas usavam outros meios mais contudentes.

Célebre, tendo servido como modelo para uma peça, "The Man Who Came to Dinner", podendo chamar a todos os homens célebres de "neighbors" havendo conhecido todo o mundo e conversando com toda gente desde Marcel Proust até um insignificante garçon numa perda hospedaria da China, contando entre os seus íntimos desde Thornton Wilder a Dorothy Parker e Edna Ferber, incluindo Charlie Chaplin, Paul Robertson, John Barrymore e os irmãos Marx, Woolcott era chamado um homem sem amigos e de si mesmo dizia "I am a man apart". Esse "homem à parte", que parecia sem afeição ou sentimentos menos amáveis, era capaz de escrever uma das mais belas páginas que já se escreveram em qualquer parte sobre a morte de um jovem amigo. Esse "homem à parte" amava as reuniões e gostava de juntar em volta de si toda espécie de criaturas em sociedades que se tornaram célebres

como "Charlatans" e depois os Sophisticates. O que não o impedia de fazer as coisas mais absurdas que desparariam exatamente aquelas que mais junto se encontravam dele—os seus companheiros e amigos que, às vezes, e eram centenas, lhe perdurariam os seus desabaixados atos.

Havendo andado por todo mundo, convivido com toda gente, tendo servido na primeira guerra trouxe de suas peripetagens uma experiência e sobretudo uma percepção dificilmente encontrada em outro homem que somente se preocupava das coisas de arte e da vida. E que Alexander Woolcott era sobretudo um artista; no fundo um romancista e um teatrólogo que tinha consciência da sua impossibilidade de realização em coisas mais duradouras e objetivas que a crônica diária. Essa consciência da impossibilidade fazia classificar-se frequentemente como "a second rate man".

Era o escritor e o artista o que poderia escrever com tão poucas palavras as crônicas de seus conhecidos livros "Enchanted Isles", "White Rome Burns" ou "Long Long Ago". Pequenas crônicas que tocam profundamente os essenciais problemas que interessam ao homem de qualquer tempo: a vida e a morte; uma boa ação digna de "Golden Deeds"; ou um tremendo crime que repercute em todo mundo como o rapto do pequeno Lindberg. Mas o que vale na sua crônica para a imprensa e para o rádio é que são páginas de literatura e da melhor literatura contemporânea dos Estados Unidos. Woolcott, conhecia o segredo de tratar os seus assuntos no mesmo tom brando de "fire chat" que se dirige sem esforço à compreensão e à simpatia do leitor ou do ouvinte. Palavras eram as suas que não exigiam esforço porque eram diretas e eficazes e repercutiam diretamente em cada um.

Woolcott escrevia uma crônica sobre Clemenceau, mostrando passagens humanas da vida do grande e célebre homem com a mesma verve, o mesmo calor com que contaria as possíveis reações daquela mulher que se apaixonara por um aviador quase inexistente. Poderia contar a história somente de uma noite em que no fim verifica-se havia toda outra história atrás da primeira. Apreciando os grandes homens que ele conhecia muitos, de todas as classes, os políticos, os astros de cinema, os arquitectos, os generais, os paiçãos, Woolcott, embora-se sempre nos fatos mais simples e todavia representativos de suas vidas.

E sempre o tudo do homem comum que vive dentro de cada celebridade e que lhe interessava, sem lhe amorecer o espírito do repórter que tudo deseja informar. Para isso não se intimidava diante de uma excursão até uma velha casa da velha Virginia ou um passeio até as terras geladas da Rússia. Segundo seu juízo o que contava não eram somente as grandes nomes internacionais mas os acontecimentos humanos; sobretudo os sentimentos humanos. E é interessante que John Barrymore dissesse

que é desejar até que os amigos morressem para escrever-lhe o necrológico. Opinião que Woolcott confessava quase ser exata. Apesar da sua aparente desinteresse pelos "casos" estranhos sente-se que ele participava deles intimamente.

Das suas viagens e bibliotecas nas vidas alheias esse jornalista que a todos chamava de vizinhos, tantos os que moravam na casa próxima como os que moravam nos próximos continentes, guardava um arsenal de sugestões que dariam sem dúvida uma coleção de enredos de contos que Tchekov teria desejado possuir. E Woolcott compreendia a importância desse material quando escrevia suas crônicas e não é por acaso, que intitula uma delas "A Plot for Dreiser" — sem dúvida Theodore Dreiser tiraria todo o efeito do seu "plot".

Essa qualidade de provedor de argumentos para contos era apenas uma parada na sua disposição para desenvolver os seus próprios enredos, que ele os sabia descobrir nos mais simples dos fatos que passavam sob o seus olhos. A sua imaginação não se poderia dizer fosse forte mas a capacidade para descobrir o lado humano das coisas ou o mistério das coisas era insuperável.

Numa época em que o rádio era ainda uma promessa descobriu a enorme possibilidade de comunicação com o público e a despeito de todos os conselhos em contrário, inclusive dos diretores do broadcasting, decidiu fazer do rádio o seu meio de expressão e abandonou o teatro e a crítica de livros para enfrentar o microfone levando consigo idéias originais e anti-técnicas para os seus programas. O êxito foi surpreendente e os seus ouvintes que eram milhões tinham a impressão de que conversavam com ele, que a si mesmo intitulava-se enfaticamente "the town crier", como um velho e compreensivo amigo que penetrava os problemas de todos e a cada um falava com as esperadas palavras de compreensão e simpatia. De fato Woolcott procurava seguir fora do estúdio os casos dos seus ouvintes que a ele se tinham dirigido por cartas e surpreendia o humano mistério de cada história para oferecer sua palavra de consolidação e solidariedade. Quando numa noite, em 1945, parou em meio a seu programa em caminho para a morte os ouvintes sentiram que lhes faltava a voz de um homem da mesma espécie — a voz de um irmão maior.

Os seus críticos e os seus amigos, examinando a sua obra constituída da efêmera produção de todo dia como reporter, crítico de teatro, "book reviewer", ou cronista de rádio destacam o segredo da eficiência de sua frase o segredo do seu êxito, e nos asseguram a promessa de que será lido ainda por muito tempo quando afirmam que Woolcott era "a master of English writing". E até nem éramos que possa ser verdadeira aquela frase que é a epígrafe desta nota.

EM TORNO DE UM ROMANCE

(Continuação da página 5)

Zutuzov é acima de tudo um sentimental cujas armas principais, traindo o seu temperamento oriental, são "o tempo e a paciência". Essas duas armas, cuja eficácia Tolstói aponta, principalmente quando narra a fuga dos franceses de Moscovo, perseguidos pelo exausto exército russo, não poderiam ser compreendidas por homens em que dominava a ambição quase mística da glória, em que dominavam a mocidade e a inesperienza da vida, como era o caso do imperador Alexandre I e dos generais que o cercavam; personalistas—de um egoísmo negativo e destruidor por excelência. Suas concepções nesse sentido se desdobram em finalidades muito mais sugestivas em alcance e de importância muito mais extraordinária. Ele procura demonstrar o ódio, a inveja, a bajulação e os interesses pessoais imediatos que obturam os grandes planos de realização, confundem os caracteres, deformam o sentido positivo das atividades nos cargos de vanguarda: "A maioria dos homens desse tempo, dia ele, não atentava absolutamente para a situação geral, e só se guiava pelo interesse pessoal imediato." Esse é um mal que, a despeito de tudo, ainda subsiste para amolecer as bases dos empreendimentos coletivos de pequeno, médio e grande alcance. Os vícios da personalidade em girar em torno de si mesma, muito embora esse giro determine as mais violentas deformações em redor, é um dos mais lúcidos defeitos do temperamento, não menos hoje do que em tempos remotos. Apesar da evolução de sua consciência, o homem ainda não obteve a grande vitória de desligar-se de si próprio para poder realizar ou criar alguma coisa. Nem mesmo na arte encontramos a ausência completa do egoísmo individual e, por isso é que Nietzsche aponta a enorme soma de falsidade nas obras e na personalidade mesma do artista.

Um dos esforços empreendidos por Tolstói, nesse romance, é para apontar a completa submissão do homem às perspectivas da história e da sociedade. A individualidade nada pode sobre o conjunto. Não foi dado ao indivíduo, por maior poder que lhe tenham conferido, transcender do todo e evoluir sobre a história. Tudo é obra do determinismo. Todos os fatos

históricos, como os fenômenos físicos e químicos se processam por íntimo encadeamento de causas e efeitos; um momento universal não surge de improviso, operado por velocidade exclusiva de um Cesar, de um Aníbal, de um Napoleão—é condicionado por uma premissa que lhe deu origem. E essa premissa não é a individualidade e sim todo um movimento de homens e de coisas do qual a individualidade destacada representa o expoente comandado. Napoleão foi uma consequência da Revolução Francesa—uma consequência negativa à certo; Napoleão apenas quis seguir e desdobrar até o infinito um ideal de igualdade absurda que dominava a mentalidade romântica da época. Ele quis fazer uma espécie de República europeia. Mas ele nada podia realizar nesse sentido se, em seu redor, não se condensasse todo um passado recente de sangue e de desvairamento, todo um presente de incerteza; os povos estavam inquietos e sem ou com Napoleão a guerra havia de surgir um dia. Napoleão foi apenas um pequeno instrumento do momento universal. Poderíamos, por uma questão de analogia, equacionar a figura de Hitler a esse raciocínio. Hitler surgiu como uma consequência da Alemanha desvairada e oprimida. Hitler foi a condensação de um passado de desintoxicação e de luta. Mas, se Hitler não houvesse surgido, haveria outro para substituí-lo, se não fosse na Alemanha, seria na Rússia, na Bélgica, na França ou na Inglaterra ou em outro país qualquer, contanto que a consciência universal extravasasse em sangue a sua inquietação e o seu desejo de intenso movimento progressivo. As guerras não chegam de improviso, elas vêm se formando pouco a pouco, por milhares e milhares de processos de antecedência, que se juntam numa unidade decisiva e inaportável. As grandes individualidades são vítimas dos grandes movimentos da história. A individualidade é incapaz de resistir ou de emprestar uma transformação racial à continuidade dos movimentos históricos.

O sentido de "Guerra e Paz" é bem um sentido filosófico. Suponho que nesse romance existe uma elevação de vida e de valores que se superam pelo estudo e pelo desenvolvimento deles mesmos. Do ponto de vista humano "Guerra e Paz" se estabeleceu num pla-

no de equivalência ao que existe de mais objetivamente puro e perfeito na arte do romance; sob o ponto de vista histórico nem uma outra obra que tenha a mesma precisão e o mesmo alcance ético de estudo e de fixação de fenômenos. "Guerra e Paz" é um romance que é no mesmo tempo uma atitude e um estilo autenticamente humanos e filosóficos. Tolstói nos dá a impressão que o significado de sua mentalidade é o resultado matemático de todo o passado de experiências de vida e de cultura do povo russo, cristalizado no artista. Parece que ele é a justificação mesma do sofrimento e da compreensão humanas daquela época. Por isso é que Rolland tanto o amou e seguiu, quase integralmente, o fio dessa técnica de criação, aproveitando mesmo cenas de sua obra; assim é que o episódio de "Guerra e Paz" em que Pedro entra em duelo com Delucov, se repete, numa retratação quase exata num duelo que Jean Christoph trava com um de seus inimigos, somente com dessemelhança de motivos e de finalidades.

"Guerra e Paz" tem, sobretudo um sentido de informação; é a arte em função da epopéia de um povo e de certo modo antecipou a atual ordem social da Rússia Soviética. O príncipe André, notou que uma vasta reforma, em direção do povo e estranha no povo, havia de se operar na Rússia mas não sabia qual a direção política nem o princípio dessa reforma. Pedro também olhava pensativamente a massa, descobrindo-lhe no anonimato e na miséria, o heroísmo da subsistência; olhou também os nupcias e dividiu parte das suas terras com eles. Tudo isso é um exemplo de que houve alguma coisa de profético nessa obra, nem que tenha sido o íntimo significado de si mesma, independente do objetivismo dos fatos presentes. Através de "Guerra e Paz" sentimos a pulsão do gênio de um homem e o poder emocional e artístico de um povo; parece que vemos Tolstói debregado no Tempo esperando que a humanidade alcance Pedro Bezucov; depois, talvez que o seu olhar torne aos escuros do mundo remoto (o nosso) para descobrir nas suas cinzas a sensibilidade doentia da consciência humana que habitava a nossa época. Talvez que Pedro seja o dominador comum de uma humanidade livre e feliz.

Com "Guerra e Paz" Tolstói oferece ao mundo uma das obras de significação histórica e artística mais completa e original que se pode imaginar.

manas que culminam como aquela quando o príncipe André tomba ferido: "Sobre ele não havia nada salvo o céu, o céu alto, sombrio, mas infinitamente alto, com nuvens claras que corriam lentamente. "Que suavidade que calma, que solidade; bem diferente de alinda há pouco quando eu estava correndo, pensou o príncipe André, quando corria, gritávamos e pelejavamos; quando com as fissonômias feroces, assustadoras disputavam o suporte; não eram assim que as nuvens flutuavam no seu infinito. Como se explica que nunca vi, antes, um céu tão alto! Como me sinto feliz de tê-lo descoberto finalmente. Sim, tudo é futilidade, perdi-la, salve a céu infinito. Nada existe além dele. Mas ele próprio não existe, nada existe além da calma e do repouso. Deus seja louvado!". Ou ainda com a criação de personagens como o doce Platão Karataiev, onde sentimos a grande parte da influência que Rousseau exercera sobre o espírito do romancista.

A interpretação das batalhas equacionadas à abstenção de ânimo, quase ao desinteresse, do escritor, assume um vasto aspecto de filosofia da história, que muito nos esclarece e avisa contra os processos rotineiros dos historiadores profissionais. Exercendo a sua acuidade privilegiada, descendo às profundezas mais obscuras dos fatos e das coisas que engendram o valor histórico de uma determinada situação, Tolstói evidencia tudo aquilo que se esconde à sombra da superficialidade dos fenômenos (tão a gênese dos historiadores) e que talvez possuam maior valor intrínseco, maior significação ética do que eles. A defesa do "Sereníssimo" (general Kutuzov) cuja personalidade incompreendida pelos seus contemporâneos, inclusive o imperador Alexandre I, ocupa um lugar mediano no contexto dos historiadores, essa mesma personalidade incompreendida, hostilizada, alienada em grau de elevação formidável diante das provas e dos recursos de restauração de valores com que Tolstói justifica o seu procedimento, em face das questões militares. O Zutuzov de Tolstói, ao contrário do falso Zutuzov pintado pelos historiadores, se afirma na história como um autêntico general, como uma figura de ancestral venerável, bom, sentimental e, sobretudo, genuíno, mais do humano com que lida o que com o simples instrumento de luta como o considerado o soldado nas fases de guerra. Por achar no soldado, o essencial valor humano e por prezar esse valor, é que desajustava-se de seus companheiros de Campanha.

FALAMOS POETAS

O CONDE DE MONTE CRISTO

"Lê esse livro na época em que quasi toda a gente o lê, isto é, durante a meninice. É bem verdade que então eu já havia sofrido algumas decepções um tanto perturbadoras para a minha idade e que precocemente me deram um mais largo conhecimento em face do mundo a que eu ia desprezadamente de encontro. Experiências essas a que minha sensibilidade precocemente desenvolvida e inclinada por natureza à contemplação dava relevos exagerados. Sentia e com razão nessa fase da minha vida revolta contra certas injustiças que tinha realmente sofrido, mas como então poderia saber que tais injustiças eram menos das pessoas que as me fizeram do que da realidade terrenal que se escondia por trás dessas mesmas pessoas que assim eram obscuramente impulsionadas contra mim? Guardo desse tempo, fixado, entre outros acontecimentos, pela leitura do Conde de Monte Cristo, a lembrança de algumas máguas que levei com o fogo dos meus primeiros e até hoje mais violentos prantos".

(Tomaz Seixas — "Diário de Pernambuco" — 15-8-48 — trecho de crônica).

L. SALÃO DE POESIA

"Vai ser em setembro. Os poetas já se arregimentaram, sob a batuta de Aderbal Jurema, ébe camarada de quem já disseram viver para a literatura as 34 horas todinhas do dia. Até dormindo o homem não

descansa, sonhando sonhos meio literários e quando acordado, vive escrevendo, escrevendo, escrevendo: ensaios, conferências, críticas, poemas (um dos quais, "Cavalos Negros", será exposto) e até sobre o teor tóxico da micuna, o que tanto assabou a suscetibilidade de mulata do mestre Josué, o da "Geografia da Fome".

E Aderbal não está sozinho na empresa, com ele o NORDESTE, para a vitória do Salão, já formam Edson Regia e REGIÃO, duas entidades distintas num só poeta verdadeiro. Mauro Mota, o elegíaco amoroso do "big tree" da latitudes, com o seu espiandido suplemento do trabalho DIÁRIO, Esmaragdo Marroquim e a VIDA LITERÁRIA DO JORNAL DO COMMERCIÓ, Nilo Pereira, o oficioso, com o suplemento da FOLHA. De MANTUA, Célio Resqueira Costa e Edson Nery da Fonseca, acompanhados da valiosa colaboração de DOCUMENTAÇÃO E CULTURA e Luiz Nascimento com "Presente de Natal".

Depois disso, pode-se duvidar — nem de leve — do êxito do I Salão de Poesia do Recife? NÃO, assim bem grande, quando a gente sabe, que durante a exposição haverá uma série de palestras sobre poesia, a cargo de sujeitos bem notáveis, como Luiz Delgado, Odilon Nestor, José Otávio de Freitas Júnior, e Fernando Mota e outros que tais, sem falar na de Aderbal Jurema, que será, dizem, uma conferência algo aerodinâmica, com projeções, declamações e até baiaidos".

(Carlos Moreira — "Jornal do Comercio", 15-8-48 — trecho de artigo).



Uma ilustração de "7 anos de Pastor"

O LIVRO do MÊS

7 ANOS DE PASTOR de Dalton Trevisan



Alguns contos desse novo escritor suísta já haviam sido divulgados através de sua revista, a "Joaquim" são discutida, suas, agora em livro, oferecem perspectivas mais amplas para situá-los nesse "conteur" que estréia com alguma coisa de diferente na literatura brasileira.

Os amigos de Jean Paul-Sartre poderão até duvidar, nessas contos de "7 Anos de Pastor", influência ou simpatia pelo existencialismo como forma literária ou mesmo na maneira de criar as suas personagens, a começar pela nova Rachel do primeiro conto que deu o título ao livro. Lidados os outros, porém, a afirmativa primeira de influência do existencialismo cae fora sem consistência ou base crítica. Na verdade, o sr. Dalton Trevisan é um poeta, mas um poeta que vê as coisas do mundo em função do amor ou ódio às suas criaturas, condicionando a paisagem social e física à sua sensibilidade de narrador que não se contenta com os velhos caminhos da ficção. Dai aqueles diálogos rápidos e certos monólogos de alguns personagens que, embora aparentemente desejo de falar sozinho, são criaturas humanas sofredoras por encontrar eco em outras pessoas.

No conto "O Jantar", por exemplo, o personagem, que "era um homem no mundo dos homens", embora numa frase para as visitas, revela o que há de inédito nesse novo escritor que usa nesse livro, — numa mescação de contrastes psicológicos —, um estilo "flash" que é de uma força de expressão surpreendente.

Enquanto o jardim está sorrindo maravilhas, na linguagem poética de Dalton Trevisan, nós saudamos o aparecimento de um novo "conteur" que surge com uma força e um ímpeto de desbravador. O seu livro de estréia, em edições "Joaquim", vem com uma porção de ilustrações em negativo de Poty, um dos ilustradores do grupo de novos desenhistas e pintores paraense. Nem todos no mesmo pé de força expressiva, mas todas elas acompanhando a estranha e viva personalidade de Dalton Trevisan. — A. J.

"Nordeste" já salientou, num de seus números, a quantidade espantosa de revistas literárias que estão nascendo pelo Brasil afora. E, nesse registro de hoje, temos a anotar mais uma de Pernambuco: "PERSENAÇA", direção de Barros Lima, Silvino Lopes, Maurílio Bruno e Perimino Asfora, revista de sociologia, literatura e arte, conforme noticiam no cabeçalho. Escrevem nesse número de estréia os srns. Laurêncio Lima, Barros Lima, Silvio Rabelo, Maurílio Bruno, J. A. Gonçalves de Melo Neto, Eustáquio Duarte, Getúlio Cesar, Júlio Lima, Sousa Barros, Estevam Pinto, Amaro Quintas, Alfio Ponzi, Pereira de Sousa, José Carlos Cavalcanti Borges, Fernando de Oliveira Mota, Perimino Asfora. Apresentação sobria, ilustrações de Portinari, Percy Lau, Elzeir Xavier e Milton Perivivo. Recebemos: CLA — n. 4, de Fortaleza,

FALAMOS CRÍTICOS

GENIO OU "BLAGUER"?

"Gênio ou blagueur?" Pintor ou embusteiro? — Eis a pergunta que a todo instante se ouve ou se advinha na fisionomia do público que ali corre diariamente.

Já fui várias vezes à exposição Cícero Dias, num sincero esforço de ver, de sentir a presença do pintor nas suas discutidas telas.

De cada vez que ali chego, a primeira coisa que me acode ao espírito é a famosa exclamação de Calino: — Graças a Deus eu não gosto de cebolas, porque se gostasse não sei como haveria de comê-las, pois só o cheiro me causa náuseas.

A diferença é que a minha exclamação é às avessas. Em vez de começar com um "Graças a Deus", começa com um "Infelizmente": — Infelizmente eu não entendo de pintura, mas se entendesse teria uma porção de coisas a dizer sobre essa exposição!

Por que é que devemos de acreditar sempre que é blague, que é embuste, tudo aquilo que não entendemos ou conseguimos entender?

Um dia destes, conversando um amigo, a respeito mesmo do sr. Cícero Dias, ele me contou um episódio elucidativo, ocorrido com ele: Uma ocasião, estava na sua banca de trabalho, quando notou que uma colega o observava com uma insistência desusada. Curioso indagou a razão e ela respondeu: — Não leve a mal, mas eu estava olhando para o senhor com a impressão de que o sr. tem a cabeça de parafuso e os ombros de chafé!

Eis ali! Se esta senhorinha fosse um pintor moderno pintaria um "Parafuso e chafé" — retrato do sr. Fulano de Tal". Muita gente diante da tela gritaria: — o rei está nu! — E erraria em cheio, porque a artista teria pintado o que viu.

(João Vasconcelos — "Jornal do Comercio" — 29-8-48 — trecho de artigo).

NASCIMENTO E ASCENSAO DE UMA CIDADE

"Poderia Mário Sette ter o posto, como sub-título de seu livro ARRUAR — "nascimento e ascensão de uma cidade" — linearmente segue ele todo esse propósito, — a cada dia reafirmado — de chegar à civilização, de obter um lugar de destaque entre as capitais brasileiras.

Percorrer ARRUAR, sobretudo na parte que começa em fim do século passado, até agora, é ver que esforço fizemos para realizar esta coisa que ali está — embenevolendo as quotidianas levias de turistas que chegam para visitar-nos. Só mesmo dentro do trabalho do honesto escritor pernambucano é que se vê quanto nos custou o instalação das maxibombas, dos bondes, do saneamento, dos bondes de burros, e dos bondes elétricos, e de tantos outros confortos de que desfrutamos e de que desfrutamos.

Lutando contra a grita geral das opiniões, o incontentamento permanente de uma e, o que é pior, a indiferença de outros, os governos procuravam sempre efetuar aquilo que se haviam traçado, sem hesitações nem desistências. O resultado é o que nós vemos agora e que, apesar dos pesares, embora a crítica justa ou injusta, ainda consegue vencer a descrença ofensiva de tantos célicos. Toda a evolução da nossa Recife e, consequentemente, toda a modificação social havida, não se conta porém Mário Sette no tom seco de um relatório, mas numa descritiva cheia de vivacidade, apanhando os acontecimentos no que eles tiveram de mais característico e de mais pitoresco. E, isso, com um carinho, com um enternecimento a que eu chamaria sem hesitação de verdadeiramente filial.

(Lucílio Varella — "Jornal do Comercio" — 29-8-48 — trecho de artigo).

FALAMOS EDITORES

UM PE DE MILHO — Crônicas de Rubem Braga — Livraria José Olympio Editora.

Rubem Braga, na moderna literatura brasileira, é um escritor que se dedica exclusivamente à crônica, e que, nesse gênero tornou-se insuperável. Focou aliás são os que vencem nesse terreno aparentemente fácil, mas na verdade difícil e ingrato pela sua natureza efêmera, perdendo-se amanhã o que se levou com agrado numa coluna de jornal ou revista. No seu último livro, UM PE DE MILHO, recentemente publicado pela Livraria José Olympio Editora, Rubem Braga consegue no entanto, mais uma vez, superar essa transitividade da crônica, oferecendo-nos um delicioso conjunto de páginas sobre fatos e criaturas da vida quotidiana, onde o sentido lírico e humano predomina acima de tudo. De um acontecimento banal do noticiário jornalístico, de um dito popular, de um simples passarinho solto em plena Avenida Rio Branco, Rubem Braga ergue uma crônica cheia de graça ou malícia, de ternura ou piedade, de lirismo ou ironia. Essa enorme capacidade de humanização dos seus temas, e de encontrá-los nas coisas promissoras tanto quanto nas grandes tragédias coletivas ou individuais, é exatamente o que melhor define a sua literatura e o seu espírito, tornando-o um escritor que poderá ser lido muito depois que a nossa época tiver mergulhado na sombra do passado. Um livro, Rubem Braga valorizou a crônica, tornou-a um gênero literário menos transitório, deu-lhe a humanidade e o vigor lírico, a mais o sentido humano que afinal lhe permitiu sobrepor-se ao tempo e às flutuações de gosto dos leitores de hoje ou amanhã.

(Condensado do D. P. da J. O.)

MANOELITO DE ORNELAS — GACHOS E BEDUINOS — (Coleção Documentos Brasileiros) — Livraria José Olympio Editora. Apresentando Gachos e Beduinos, do escritor Manoelito de Ornelas, a Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio Editora, vem enriquecer a bibliografia histórica nacional com mais uma obra de grandes valores críticos e poéticos. Manoelito de Ornelas deixou o

terreno da literatura propriamente dita, pelo do ensaio de natureza histórica e sociológica, onde os sujeitos bem notáveis, como Gachos e Beduinos uma obra excelente de erudição e de análise. Defendendo no livro a tese da influência árabe sobre a formação étnica e social do gaúcho, pela contribuição de usos e costumes, termos de linguagem, comportamento psicológico e do próprio tipo físico do homem das coxilhas, Manoelito de Ornelas, embora não seja o primeiro a reconhecer essa influência, analisa-a pelo menos, em relação ao habitante de sua província, com o vigor e a originalidade que se poderiam esperar de sua inteligência e cultura. Além disso, baseando-se em sólida documentação e obedecendo a métodos rigorosos de investigação e análise, o autor de Gachos e Beduinos aproxima-se agora mais da verdade, contando com o precioso auxílio da ciência. Estudando a princípio, separadamente, o gaúcho e o beduíno nas suas raízes históricas, sociais e geográficas, do ponto de vista das origens e das migrações respectivas, o autor estuda-os depois em conjunto, para melhor esclarecer as identificações que os unem e que fornecem os melhores argumentos aos que defendem a tese da influência dos segundos sobre os primeiros, influência já observada aliás em outras regiões do Brasil que não o Rio Grande do Sul, e naturalmente trazida até nós pelo colonizador português. A obra, portanto, debate um assunto muito rico em sugestões para o conhecimento do nosso passado histórico e social, cobrindo-a, assim, bem como no seu autor, numa posição singular pelo brilho e originalidade das conclusões e dos métodos de pesquisas.

(Condensado da aba do livro "Gachos e Beduinos")

AGUARDEM
o próximo número de
"NORDESTE"
DEDICADO AO
I SALÃO DE POESIA DO RECIFE

REVISTAS

direção de Fran Martins, mês de agosto. Redação: AV. Rui Barbosa, 1332. Como sempre com uma magnífica colaboração e ótimas ilustrações, a revista "CIA" é um acontecimento nas letras provincianas.

"REVISTA BRANCA" n. 2, direção de Saldanha da Gama, Rio agosto-setembro. Colaboração de Otacílio Alcérim, Haroldo Bruno, Edson Regia, Jayme Adour da Câmara, Eustáquio Duarte, Guerra de Holanda e outros. Uma invasão dos colaboradores da provincia: são os do norte que vêm...

"CADERNO DA BAHIA" — Outra revista que aparece com aspecto modesto mas de bom conteúdo. Diretores Cláudio Tuittavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão, Wilson Rocha. Ilustrações de Ladislau Bartok, Genaro de Carvalho e Hélio Vas. Colaboram nesse primeiro número os srns. Wilson Rocha, Manuel Bandeira, Darwin Brandão, Nilo Pinto, Fran Martins, Cláudio Tuitt, Vasconcelos Maia e outros.

FALAMOS OS

SOBRE MÁRIO DE ANDRADE

O que parecia sobretudo admirável em Mário de Andrade, já se observou algumas vezes, era o seu poder de curvar-se ante a renovação dos tempos, de lutar virilmente por certas idéias, da mesma forma que se rejeitava quando imprescindíveis. Assim, sempre numa fiel e lúcida superação de si mesmo, é que conhecemos Mário de Andrade improvisador e um Mário destruidor ao lado de um Mário acomodático, pleno de simpatia e compreensão humana. Há, provavelmente, também um Mário de Andrade anti ou não-modernista; por exemplo o que deixou aquela lição inaugural, depois inserida no **Balle das quatro artes**, e trechos inteiros de ensaios à semelhança do sobre Raul Pompéia, em **Aspectos da Literatura Brasileira**, onde vamos encontrar mais séria preocupação do sentido

permanente da arte. Um Mário de Andrade que talvez nunca tivesse rompido, e ainda menos negado por tração seu parentesco com o modernismo, não se pegou entretanto a ele com o mesmo fanático protestismo de outros, e em quem poderíamos talvez descobrir limitadas disposições em desacordo. Existem de sua conduta auto-análises sinceríssimas, páginas confessionais de alguém que viveu com a consciência de seus próprios limites, atitude que comove antes de tudo pela "modéstia".

(Haroldo Bruno — "Diário de Pernambuco" — 1-8-49 — trechos de artigo).

POESIA E PERFUME...

"Confesso o meu espanto ao ver o nome do sr. Araújo Jorge poeta consagrado que nos livros românticos dos suburbios, leviano que chegou ao cúmulo de expor um livro seu numa casa de perfumes do Rio de Janeiro — associado à nova poesia brasileira. Mas reprimi o espanto e me dispus a examinar o livro objetivamente."

O autor delimita na "Apresentação" a singularidade de sua obra: "divulgar alguns nomes de muitas obras que merecem ser lidas e ficadas, de vez que constituem das mais belas páginas de nossa poesia viva" (p. 7); deplora, a seguir, os antologistas que se deixam dominar por preconceitos de "grupos" ou de "grubos" e se dispõe a dar um panorama livre de tais preconceitos, pois lhe confessa "nunca fez partição grupos literários" (p. 8). Uma intenção louvável. Veremos adiante se o autor conseguiu realizá-la.

(Edson Nery da Fonseca — "Diário de Pernambuco" — 1-8-45 — trecho de artigo)

A Indústria do Caróá e sua Importancia na Economia Brasileira

O CAROÁ EM PERNAMBUCO

Sociólogos como Luiz Dodsworth Martins, professor da Universidade do Brasil, e Gilberto Freyre, reclamado, ouvido e elogiado por várias Universidades de dois Continentes, têm demonstrado o influente papel que o caróá exerce na qualidade de elemento de fixação do homem ao solo. Técnicos de reconhecida capacidade profissional chegaram à conclusão de que o caróá é superior à juta. Mas, em oposição ao estudo dos sociólogos e à pesquisa dos analistas, os apalancados da política erguem os seus interesses inconfessáveis e impedem o conveniente aproveitamento da fibra nordestina. Enquanto isso, as 80 mil criaturas que dependem do caróá na região onde a seca impera e arraza, sofrem o descaço do governo, suportam a impiedade dos testas-de-ferro da juta, sustentam uma luta desacompanhada contra as inclemências do tempo, e ainda assim sobrevivem, e ainda assim recusam-se a abandonar a terra dos seus sacrifícios. Dif-se-la ser uma só a fibra da planta e a fibra do homem, ambas oferecendo a inacreditável resistência ao aniquilamento das longas estiagens, uma vicejando onde nem o milho, nem o feijão, nem a cana, nem o algodão, nem lavoura alguma consegue medrar, a outra desafiando o menosprezo do governo e desafiando a perseguição dos espoletas da juta, ambos, o sertanejo nordestino e o caróá, simbolizando no seu drama a riqueza e a tenacidade de uma raça.

Considerando demográfico num país onde o espetáculo dos retirantes constitui uma chaga no panorama da vida nacional, o caróá, sobre não receber proteção de espécie alguma por cima é alvo de um combate sem tréguas. Vejamos, por exemplo, a triste notícia que nos dá o sr. Nelson de Vicenzi, em "A indústria brasileira de Aniamagem", referindo-se às dificuldades de toda sorte que os brasileiros têm de enfrentar quando pretendem inverter capitais no incremento das fibras nacionais:

"Não lhes assiste, nessa empresa, o governo, nem com crédito, nem, tão pouco, com proteção fiscal. A juta nacional, cujo preço, em São Paulo e no Rio, acompanha o do produto indiano, paga do frete de Manaus a Santos o dobro do que custa o transporte Calcutá-Santos, a bordo de navios ingleses. Sobre as fibras brasileiras incidem, ferrozmente, os impostos de três governos, merecendo, dentre elas, especial destaque o estadual amazense de "terras devolutas" e a taxa de armazenagem cobrada em Santos por um critério que representa uma parcialidade protionista para a juta estrangeira".

Salentamos, para melhor entendimento dos nossos leitores, que a mencionada taxa de armazenagem é, segundo o referido técnico, *o maior valor de que a incidente sobre o produto indiano*. Estas incisivas palavras que o governador Barbosa Lima Sobrinho teve oportunidade de pronunciar em defesa do caróá no banquete oferecido ao presidente Dutra a quando de sua última visita a Pernambuco, estão, portanto, cotadas de razão:

"Ai temos os interesses do caróá, que permitem a fixação do homem no solo, na região mais castigada do Nordeste, mas que tantos obstáculos encontra, sr. presidente, quando se procura obter as máquinas exigidas pelo progresso da indústria moderna. Se ao menos esses inimigos dissimulados e persistentes do caróá pudessem vir conhecer os sertões batidos pela seicheira, os caracais inclementes, a castinga cinzenta e trágica! Não creio que mantivessem compreensão perversa, que vem frustrando todo o esforço de progresso e todas as esperanças de bem estar de uma população corajosa, digna, enérgica, verdadeiramente heroica".

Neste número, "Nordeste" se permite transcrever dois dos trabalhos que os produtores de caróá tiveram a iniciativa de reunir numa plaqueta. E' o nosso apelo aos trabalhadores da fibra nacional.

INDUSTRIA DO CAROÁ E SUA IMPORTANCIA NA ECONOMIA BRASILEIRA

OPORTUNAS DECLARAÇÕES, A RESPEITO, DO INDUSTRIAL MARIO PENNA

O interesse que, entre os produtores de caróá e dos meios econômicos do país, vem despertando o projeto da criação de uma fábrica de fiação e tecelagem para o aproveitamento da fibra do caróá, a ser fundada na zona do sertão, levou o *Journal do Commercio*, que em vários editoriais já tem focalizado o problema da fibra nordestina e sua importância na economia do país, a ouvir sobre o assunto, a opinião do sr. Mário Penna, presidente da Cooperativa Central dos Beneficiários de Caróá do Nordeste Limitada.

"Esta esclarecida orientação na presidência do importante órgão de classe vem se destacando pelos esforços e interesse despendidos na solução de todos os casos relacionados com a vida, desenvolvimento e maior firmeza do elevado conjunto da Cooperativa nos círculos comerciais e bancários do país, com reflexo nas praças estrangeiras onde exercita sua atividade comercial.

Tem a. desenvolvido uma atuação contínua e persistente para a objetivação de tão nobre empreendimento, que importará na almejada renúncia das populações periodicamente martirizadas pela inclemência das longas estiagens.

Ante tais credenciais, fica definida a autoridade de nosso entrevistado para falar sobre o monumental assunto.

O CAROÁ NA ANIAGEM

Inicia, o sr. Mário Penna suas declarações. — No Brasil, três séculos faz, o caróá vem

ocupando a atenção dos historiadores e cientistas. Desde as pesquisas e estudos referidos no "Diálogo das Grandezas do Brasil", publicado em 1618; do importante trabalho do notável botânico Manuel de Arruda Câmara, escrito em 1819, intitulado "Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar linha para muitos usos da sociedade e suprir a falta de cânhamo"; no relatório do botânico Alberto Lofgren, em 1912, e de vários outros trabalhos esparsos, chega-se a evidência que a fibra nordestina está destinada a um grande futuro industrial, por sua resistência e durabilidade, reprodutividade e incensurável abundância, principalmente nos terrenos áridos que jamais poderão ser utilizados na exportação da lavoura e da indústria pastoril.

Considera-se hoje ponto pacífico o valor industrial do caróá para a confecção de aniagem, barbante e cordoalhas: é uma planta textil na mais larga acepção da palavra. Técnicos nacio-

Calcula-se hoje em 80 mil o número de pessoas que vivem do caróá, na região nordestina. Nas instalações destinadas ao trabalho de desfibramento, dessa planta já foram aplicados mais de 25 mil contos, divididos em 119 instalações, em usinas, distribuídas pela vasta região em que se faz a colheita da excelente fibra sertaneja. Muito caminhou essa indústria, desde os tempos já remotos, em que o velho Simões Lopes chamava a atenção da Câmara dos Deputados para essa broméiaca, que ele considerava superior à juta e que podia ser comparada ao sisal ou à manilha, para artigos de cordoalha, e ao cânhamo e ao linho para tecelagem. Não se sabe, porém, tudo, que pode ser obtido com o caróá, pois que ele vem sendo tratado por meio de processos rudimentares, que não conseguiram evitar o interesse dos centros industriais de diversos países. Na feira de Nova York, conforme relatório do agrônomo Alfeu Domingues, muitas foram as firmas, que procuraram obter a representação do suprimento do caróá. Na Inglaterra, notou-se interesse idêntico. O boletim da Câmara de Comércio Argentino-Brasileiro indicam que há enorme curiosidade, no Prata, quanto à utilização do caróá. Mais de metade, aliás, da produção brasileira dessa fibra é consumida pelo mercado externo.

A opinião dos que estudaram a fibra do caróá é a de que é superior à juta, ou a substitui muito bem, na manufatura de aniagens, cordoalha e barbante. Mas para isso precisamos nos aparelhar convenientemente, desde o tratamento da fibra até a montagem de fábricas modernas para a utilização do caróá. Há que conseguir fio mais fino e uniforme, assim como fábricas próprias para a produção de sacos. Mas quando se chega ao aspecto dos recursos para a instalação de uma indústria nova e modernizada, os obstáculos crescem, por mais persuasivos que sejam os estudos e os pareceres dados. Na Caixa Econômica Federal, por exemplo, o sr. Solano da Cunha teve palavras de animação para essa indústria do caróá, o que não obteve que prevalecesse a atitude contrária ao auxílio solicitado pelas Cooperativas interessadas.

As máquinas já estão aparelhadas para o tratamento da juta, que apresenta, por certo, melhores condições industriais que o caróá. Forma-se, por isso mesmo, nos centros fabris uma certa resistência contra o caróá, quando a atitude mais lógica seria a de melhorar as condições de apresentação e de tratamento da fibra nordestina, assim como o processo de sua industrialização. Críamos para o produto estrangeiro condições excepcionais, desde que impedidas que o artigo nacional possa apresentar as condições necessárias ao êxito da concorrência,

MIGUEL

(Continuação, da pag. 13)

que a fazer tudo para voltar logo. Com menos de um mês veio uma carta perguntando o que achava de sua ida para o Rio com a tia. Na véspera, Nequinho o arrieiro de Pedro, trouxera-lhe uma carta de Marta avisando que viajaria no dia seguinte com umas amigas. Não responderia nada. Era tempo de acabar com aquilo. Ela arranjaria outro, não ia voltar para Valença por ele. Dava por terminado, e era bom; pelo menos ninguém viria dizer que pretendia o dinheiro do velho Romão, Anita talvez gostasse de conhecer sua resolução, pois vi-

ra a cara feia que ela botara somente por saber que Marta lhe encovera. Se houvesse necessidade de mostrar a carta que Nequinho trouxe, mostraria. Anita tem muita petulância, mas dá a impressão de ser uma senata.

(Capítulo de "FOGO VERDE", romance, a sair).

— Se a fibra nordestina apresenta incontestavelmente essas características apreciáveis, poderia v. a. nos dizer quais os motivos ou empecilhos a serem vencidos, para a maior expansão e desenvolvimento da indústria carozeira de modo que se lhe assegure uma situação de segurança e prosperidade?

— Eis o ponto importante a que teria eu de chegar. As fiações atuais são próprias a trabalhar a juta indiana e inadequadas para outras fibras, como o caróá. Na Inglaterra já existem e se fabricam máquinas especializadas para o tratamento, fiação e tecelagem do caróá.

A maquinaria de nossas fábricas de aniagem, além do desgaste de que se ressente, opera com certa dificuldade e rendimento pouco satisfatório, quando trabalha com a matéria prima nordestina, razão da preferência pela juta importada.

Acontece, porém, que a juta vem subindo vertiginosamente de preço e escasseando de tal forma, que a Sociedade Rural Brasileira, em maio do corrente ano, teve de solicitar ao sr. presidente da República cambiais para a importação de 2.500.000 sacos dos Estados Unidos, a fim de suprir a falta de sacaria necessária ao acondicionamento de nossa produção agrícola.

Basta atentarmos que a entrada de juta, em 1937, foi de 28.234.000 lbs., tendo decrescido em 1946, para 12.958.000, quantidade suficiente para atender ao nosso material de embalagem que ascende a um montante superior a 200 milhões de sacos.

O "deficit" de sacaria se vem, pois, acentuando de maneira impressionante, impondo-se severas e inadivéis providências no sentido de evitar uma situação de consequências verdadeiramente calamitosas para a produção do país.

POR UMA FABRICA DE FIAÇÃO DO NORDESTE

— Quais as providências tendentes a evitar essa crise que se desenha na tela de nossa vida econômica?

— Responde, por nós o sr. Simões Lopes, que foi o ministro da Agricultura, do governo Epitácio Pessoa, quando, em seu relatório do ano de 1921, se referiu ao aproveitamento industrial do caróá, na confecção de sacos e, considerando a solução desse problema "um dos maiores passos para a economia nacional", assegurou a conveniência de ser montada uma fábrica de fiação, em uma das zonas do nordeste.

— Nesse caso, o projeto do deputado Costa Porto que autoriza o governo federal a financiar, através do Banco do Brasil, a instalação de uma fiação e tecelagem, virá atender aos justos anseios dos produtores de caróá?

— É de justiça proclamar que esse problema de vital interesse para a zona nordestina tem merecido as constantes atenções de nossos representantes sem quaisquer preocupações político-partidárias, quer no parlamento nacional, quer na Assembléia Legislativa do Estado. Além do projeto Costa Porto, vem a Cooperativa pleiteando, desde março de 1947, junto aos exmos. sr. presidente da República, ministro da Fazenda e da Agricultura, presidente o Banco do Brasil e Conselho Administrativo da Caixa Econômica de Pernambuco, uma operação de crédito para a objetivação de tão relevante empreendimento.

A auspiciosa acolhida que o exmo. sr. presidente da República, em vários entendimentos, nos tem dispensado, deixa-nos a esperança de que em breve tempo nossas reivindicações se converterão em esplêndida realidade.

O governador Barbosa Lima Sobrinho, por sua vez, com rara solicitude e vivo interesse, para afastar injustificáveis empecilhos, vem-nos prestando sua valiosa colaboração, junto aos altos poderes da República, visando o patriótico objetivo de assegurar o soergimento da zona adusta do sertão ante o proverbial amparo às suas populações secularmente flutuantes, sujeitas, pelo rigor climático, ao longo de gerações sucessivas, às duras contingências da emigração.

O conjunto de interesses de tão grande monta que representa, para a Nação, a indústria carozeira — problema de caráter social e econômico — impossível de ser resolvido pela iniciativa privada, não poderá deixar de merecer o empenho, como se acha, no programa de incremento máximo às nossas riquezas, condições precípua de combate ao fantasma da inflação. Com esses judiciosos conceitos terminou o presidente da Cooperativa do Caróá sua palestra com o *Journal do Commercio*.

A DDO E O I SALAO DE POESIA DO RECIFE

A Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura do Recife, apolou a nossa iniciativa desde a primeira hora. E, nas proximidades da inauguração da exposição de poemas manuscritos, publicou na imprensa local a seguinte nota, que muito agradecemos:

"A Diretoria de Documentação e Cultura, responsável por tantos movimentos de cultura no Recife, acaba de prestar o seu integral apoio ao Primeiro Salão de Poesia a realizar-se nesta cidade a partir do dia 22 do corrente, no "hall" do Gabinete Português de Leitura.

Trata-se de um movimento único na história literária, esse do Salão de Poesia do Recife, o primeiro do mundo, quando os leitores e admiradores de vários poetas do Brasil poderão ver postas escritas e muitas delas ilustradas pelos seus próprios autores.

Na próxima segunda-feira haverá uma reunião, a fim de serem ultimadas as providências necessárias à abertura do Salão".



"O Retirante" — quadro de Jean Pierre Chablon

quando o que se devia fazer era permitir e facilitar o tratamento e a industrialização do caróá, a fim de que servisse de matéria prima para uma indústria de aniagem próspera, organizada sobre bases seguras.

Há um aspecto do caróá que deveria merecer a atenção de todos. Encontra-se ele numa extensa região assolada pelas secas, mas apresentando condições que lhe permitem resistir a uma estiagem prolongada. Quando todo o sertão devastado perde todas as suas lavouras e todos os seus meios de vida, o caróá surge como uma salvação, como o tesouro ignorado que impede o colapso, ou a emigração. Funciona, pois, como um elemento de fixação do homem ao solo e ao solo mais inhóspito de todo o Brasil, o que bastaria para acentuar sua função social e até mesmo humanitária.

O recelo, que se poderia ter desse vegetal era o de que não possuía condições de produção regular. Existindo, em caráter nativo, em enormes superfícies da região do nordeste, não se sabia qual o volume efetivo de sua colheita e se esse volume poderia ser mantido de um ano para o outro. Os fatos vieram provar o desacerto desse temor, pois que a produção do caróá se vem mantendo com uma regularidade surpreendente. A monta-

gem de uma fábrica de aniagem para o uso do caróá influenciará os distribuidores, a perfeição do produto, no sentido da obtenção da fibra mais conveniente ao trabalho da fábrica. A uniformidade da procura acarretará naturalmente a uniformidade da oferta.

Não se compreende, por isso, tanto obstáculo criado à concessão dos recursos necessários à montagem de uma nova indústria, que vai beneficiar a um contingente tão numeroso de produtores, cerca de 80.000, como vimos. Os sofrimentos da zona sertaneja não são pequenos e merecem lavouras todo esforço, que venha concorrer para melhorar as suas condições devida. Quando as chuvas se retardam e morrem todas as pequenas lavouras do sertanejo, o feijão, o milho, a mandioca, só existem duas soluções — ou a emigração, ou o caróá. É o desejo de continuar a viver bravamente na sua gleba áspere, que move o homem do sertão a requerer a industrialização do caróá. Fosse ele mais esmoldático, ou menos enérgico, e deixaria em paz o caróá, mudando-se para outras paragens, onde fosse mais fácil o apoio financeiro, para o êxito de empreendimentos, que estão visando o progresso do país ou o aumento da riqueza pública.

ra a cara feia que ela botara somente por saber que Marta lhe encovera. Se houvesse necessidade de mostrar a carta que Nequinho trouxe, mostraria. Anita tem muita petulância, mas dá a impressão de ser uma senata.

MINHA EXPOSIÇÃO NO RECIFE



Cicero Dias — Mulher

pernambucano, sem estacionar, continua cada vez mais radicalizado ao ambiente que lhe deu a seiva para a sua arte. É em função das árvores da infância, das palmeiras, bananeiras, cajueiros, que Cicero Dias se expressa nas suas pinturas da época anterior a Paris e da atual fase de sua vida artística. Sem se preocupar com o desentendimento que pode ocasionar a ausência de traços clássicos, o pintor pernambucano faz das cores vivas do nordeste a sua técnica na armação dos planos, dos contrastes e das figuras humanas. Não é sem razão que lá estão quadros como "peixes", "homens bichos", "Ou mamoeiro ou dançarino", "Homem feijão", "Tudo se passa nas árvores" e muitos outros que exemplificam fortemente o sentido que a terra, que ele ama como um perdido, exerce na sua sensibilidade.

Sem perder esse sentido telúrico, Cicero, nos seus quadros

ção do olho acomodado do público já tradicionalmente adaptado à pintura-fotografia, do quadro ordenado e de riscos tão equilibrados quanto os dos pijamas listados do homem comum que não perde de assistir tôdas as noites à novela radiofônica.

De qualquer maneira, precisamos compreender que um artista não é um homem comum no sentido intelectual do termo. Daí o seu poder de percepção estar sempre na vanguarda da sensibilidade média dos homens. Por isso ninguém deve se sentir diminuído, em não entender certos quadros de Cicero. Deve, sim, pegar o pintor pelo braço, — e lá na exposição ele se encontra sempre muito amável para explicações, — e indagar, por exemplo, o que lhe quis pintar com o título de "Guarda-chuva ou instrumento de música". O nosso Cicero, com aquêl velho jeito de Baedeker dos canaviais, expli-



Cicero Dias — Praia

Numa Crônica de Aderbal Jurema

Os quadros de Cicero Dias, na biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, estão produzindo opiniões as mais variadas e contraditórias no "livro de visitas" que o pintor colocou à entrada da sua mostra de arte. Uma exposição de pintura, de artistas como o ainda jovem pintor de Escada, é sempre uma aventura das mais audaciosas, como o são os livros de poemas do verso livre ou de ficção acadêmica. Na verdade, a pintura atual está ainda a procura de um público que possa assumir, diante da simplicidade das linhas e da intenção íntima do artista, uma atitude de

ativa contemplação, procurando no que está vendo a origem das coisas criadas e não somente a cópia morta ou a reprodução colorida do que existe em realidade. A forma de expressão pitórica do artista de agora caracteriza-se, justamente, pelo abandono do supérfluo, do acessório, do prescindível, para não repetir "babados" pitóricos desnecessários à pureza de concepção visual.

Nos quadros de um Cicero Dias, desde os primeiros até os mais recentes, depois de dez anos de Paris, a força da terra desabrocha a todo instante, demonstrando que esse pintor



Cicero Dias pintando o mural do Palácio da Fazenda

chamados subjetivos, mas que, na verdade, são tão objetivos no seu ecologismo pictórico, derrama-se em cores líricas que lembram o outro Cicero principalmente ainda das ilustrações de "Casa Grande & Senzala" e de seus primeiros desenhos com flores voando como se fossem passaros, ou de avezinhas repousando no colo das mulheres como se fossem rimalhetes.

O que acontece com Cicero Dias em relação à maioria que vê os seus desenhos e pinturas, é o mesmo que está acontecendo com os que ainda permanecem na leitura fácil e compreensiva das histórias de folhetim em face dos romances do sr. Otávio de Fárias ou dos filmes de Orson Welles. Não há nisso nenhuma inferioridade do público ou incapacidade do pintor de se comunicar com a sensibilidade de seus irmãos outros. Há somente um avanço audacioso do artista em fun-

cará tudo com tranquilidade e sabedoria, como ainda ontem aconteceu com dois estudantes secundários que entraram desconfiados e de lá saíram com os olhos brilhando de satisfação. Aos que opuzerem a este palpito, a tese de que arte não é para ser explicada, nós lhes responderemos que, na atual fase da pintura mundial, a arte não se diminui em conquistar, didaticamente, a compreensão dos homens de tôdas as idades.

A exposição de Cicero Dias, que como pintor não se converteu num parisiense "snob", é um motivo das mais oportunos para esse trabalho de pregação pedagógica que o pintor pernambucano vem fazendo expondo-taneamente a todos os que vão olhar os seus 125 quadros, nos salões da biblioteca da Faculdade de Direito, e comentá-los cada um, à sua maneira.

E NUM TRECHO DE ARTIGO DE MÁRIO PEDROSA

"Recife reagiu com vigor à experiência de Cicero. Um ilustre polígrafo da terra, o sr. Mário Melo, encabeçou a reação. Seus artigos diários encontravam eco por toda parte. As famílias burguesas perderam o sossego: homens sizados e pequenos burgueses moralistas não compreendiam como é que se havia aberto o salão nobre da Faculdade de Direito, tão vetusta, guardiã das mais respeitáveis tradições daquelas garatujas e monstros. Para a boa gente Cicero era um pernambucano endiabrado, que se perdera em Paris em más companhias.

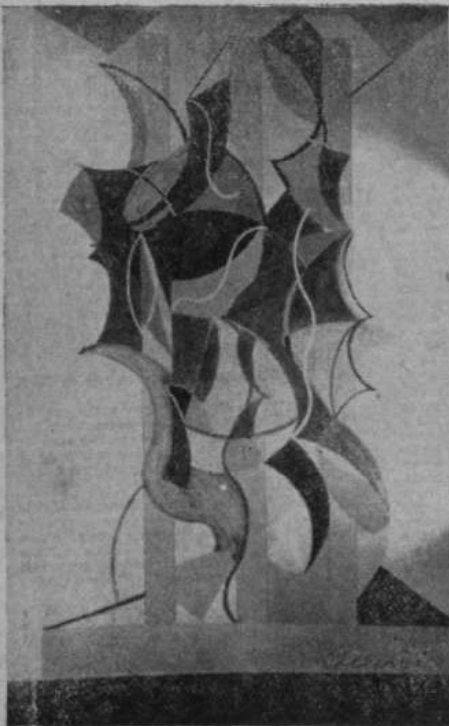
Houve, realmente, uma san-dindignação. Chocava, ao lado das formas e das cores sem "significação" realista, a ambiguidade dos títulos dos quadros. Muitos desses tinham, com efeito, designações dúbias. Uma das telas chamava-se: "Ou mamoeiro ou dançarino". O fato deu dor de cabeça a quase toda a população. O sr. Mário Melo, com o sêquito de seus discípulos não deixava passar um dia sem perguntar: Afinal,

trata-se de dançarino ou de mamoeiro? Um sentimento generalizado de frustração apoderou-se dos seus leitores. Ninguém conseguia esclarecer o mistério. Não tendo podido penetrá-lo, não se acharam no direito de gostar ou não do quadro.

O pior é que nenhum de nós, nem Aníbal Machado, nem Rubem Braga, nem Origenes Lessa nem eu, que fomos a Recife a convite do Directorio Acadêmico de Direito e da Diretoria de Documentação e Cultura rever o amigo e ver a sua retrospectiva, pudemos decifrar o enigma. Aliás, fomos encotados à parede e intimados a dar o nosso parecer, numa espécie de debate público em que Cicero Dias fazia figura de réu e nós, de seus advogados, tal e qual numa sala de jurí. A plebe exigia definição, queria saber a todo custo se aquilo era mamoeiro ou dançarino, ou se outra tela, com a mesma ter-trível ambivalência, era guarda-chuva ou instrumento de música. Angustiosos momentos"



Cicero Dias — Composição



Parte do mural do Palácio da Fazenda

Cicero Dias